

REVISTA MODERNA

Magazine Brasileiro

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Publicação Quinzenal Illustrada

Artes e Letras

Summario:

EDUARDO PRADO

Eça de Queiroz

BISMARCK

Luiz Serra

COMEDIA

Matilde Serão

O NAUFRAGIO DO « LA BOURGOGNE »

XX

SOROR

Magalhães Azeredo

A GUERRA HISPANO-AMERICANA

L. S.

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ

ETC.



Redacção e Administração : 48, Rue de Laborde - PARIS

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

Um anno.	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	10\$000
6 mezes.	30\$000	6 mezes.	24 "	6 mezes.	5\$500
Numero avulso.	2\$500	Numero avulso.	2 "	Numero avulso.	500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEQUINTES CASAS.

AGENTES NO BRAZIL

Rio de Janeiro.	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourices, n ^o 7.	Campinas	LIVRARIA ALFREDO GENOUX.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Taubaté.	V. COELHO DE CARVALHO.
São Paulo.	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX,	Juiz de Fora e Minas- Geraes.	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
Santos.	F. MATTOS ET C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Pernambuco.	LAEMMERT E C ^{ia} .
		Ceará.	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
		Pará	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ: Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde
LONDRES: Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Avisamos os nossos Leitores que foi completamente supprimida a Agencia e Deposito da "REVISTA MODERNA" na Librairie Nouvelle, boulevard des Italiens. Serão de hoje em diante os nossos Agentes e Depositarios em Pariz as importantes Casas E. Flammarion et A. Vaillant, 12, boulevard des Italiens e Galerie de l'Odéon, 1-9 e 12-18, e P. Boulinier, 19, boulevard Saint-Michel.

Julho de 1898

ASSIGNATURAS

BRAZIL		UNIÃO POSTAL		PORTUGAL	
Anno	50\$000	Anno	40 francs	Anno	10\$000
6 mezes	30\$000	6 mezes	24 —	6 mezes	5\$000
Numero avulso	2\$500	Numero avulso	2 —	Numero avulso	500

Brazileiros e Portuguezes em Pariz

D. Campos Salles. — Pelo paquete de cinco de Agosto, da « Royal Mail » regressou para o Rio de Janeiro, Sua Excellencia o Sr. D. Campos Salles ultimamente eleito presidente do Brazil. A sua estada de trez mezes n'este velho continente e as suas continuas relações com os diferentes governos europeus e tambem com os mais salientes personagens da politica e da financa terão naturalmente influido de uma maneira favoravel o espirito investigador do futuro Chefe de um grande Estado.

É justo pois que a sua presidencia, que em breve tomará as responsabilidades do poder e com ellas os destinos do paiz imprima aos diversos ramos do governo o fructo das suas observações pessoais, exigindo em todas as manifestações do serviço publico no Brazil, os mesmos methodos de ordem e de trabalho, a exclusão completa de um partido ou corporação, com pretensões a dominar, seja elle militar ou civil; e ainda o que ha de mais precioso entre os governos civilizados, a liberdade escripta ou fallada e com ella a segurança individual, que não mais deve estar a mercê de antipathias de grupos ou de mandões sem prestigio, só servindo para desacreditar um paiz e desmoralisar o mais serio e o mais patriota dos regimens.

Sua Excellencia que privou com os Chefes d'Estado da velha Europa e que vio de que modo o seu muito illustre collega do Elysée se desempenha do seu tão delicado mandato e teve tambem occasião de observar, de bem perto, a suprema correção do primeiro ministro da Inglaterra que é um verdadeiro presidente no mais constitucional e livre dos paizes, respeitando e fazendo respeitar a lei em nome de uma soberana que domina a metade do Universo; Sua Excellencia que durante toda a sua viagem não ouviu fallar de militarismo politico e muito menos de dominio da força armada, não admittirá estamos certos, que, nos quatro annos da sua estada no poder, o supremo governo da Nação Brasileira seja julgado incapaz de praticar estas boas normas que são o apanagio da força interior, do credito e do respeito exterior.

Antes de encetar a travessia do Oceano o Presidente Campos Salles

fez questão de visitar a Italia, e uma vez chegado á antiga capital do Piemonte, aceitou lisongeado o convite de beber uma taça d'espumante em companhia do estimado soberano que dirige os destinos d'esse paiz; e, ainda sentindo o capitar do transparente liquido dirigio-se constricto e respeitoso aos marmoreos palacios do Vaticano aonde recebeu, submisso e crente, a sagrada benção do Santo Padre.

Que tão boas intenções acompanhem o eleito do povo brasileiro na sua trabalhosa e digna tarefa; e nós esperamos convictos que a datar de 15 de Novembro, proximo não mais a fatalidade pesará sobre a nossa cara patria.

5 de Agosto de 1898.

Duqueza de Palmella.

Regressou a Lisboa depois de uma curta estada em Pariz a Sra. Duqueza de Palmella, uma das mais altas e celebres figuras femininas portuguezas. O seu amor pela arte e o seu talento apaixonado do bello deram já á escultura nacional obras que são celebres e onde revelou uma notavel mestria na sciencia de modelar. Embora a escultura seja a sua occupação dilecta, a Sra. Duqueza de Palmella, não menospreza por isso tudo e que de perto interessa um espirito intelligente, e não descura as obras de caridade que são o apanagio do seu coração de mulher.

A generosidade intelligente da Sra. Duqueza é conhecida de todos e as instituições que tem fundado, como a sua creche por exemplo, são dos melhores estabelecimentos onde o bem se faz mais discreta e eficazmente.

A *Revista Moderna* não quiz deixar passar o ensejo de enviar a tão sympathica senhora a expressão da sua respeitosa admiração.

Domingos Guimarães.

Com verdadeiro e sincero prazer annunciamos aos muitos amigos d'este jovem e distincto escriptor portuguez o seu completo restabelecimento da terrivel enfermidade que ameaçou de perto a existencia do nosso estimado collaborador. A *Revista Moderna* alegra-se com essa noticia, congratulando-se e comprimentando o seu companheiro de trabalho.

Carlos Sertorio. — Chegou ha dias a Lisboa onde se vai demorar dous a trez mezes por motivos de saude o distincto escriptor Carlos Sertorio que fazia ultimamente parte da redacção e administração

da *Revista Moderna*. Muito desejaremos que no mais breve prazo esteja de volta, forte e bem disposto; continuando a favorecer o nosso jornal com o auxilio da sua preciosa collaboração.

Parte para S. Paulo (Brazil) por todo o mez d'Agosto, o illustre pintor **Antonio Ribeiro**, bem conhecido e estimado em Portugal pelo seu talento e pelo seu caracter.

Antonio Ribeiro vive ha oito annos em Pariz, trabalhando sempre sob os auspicios dos grandes mestres Jean-Paul Laurens e Benjamin Constant, que alem de seus mestres são seus sinceros amigos.

A colonia dos artistas e correspondentes portuguezes offereceu, ha dias, um jantar de despedida a Antonio Ribeiro, que foi concorrido por varios pintores, esculptores, architectos o jornalistas portuguezes e brazileiros residentes em Pariz.

O presente e o proximo numero da Revista.

Os nossos bons leitores dirão se o presente numero da *Revista* corresponde á sua expectativa. O retratado do dia é o nosso distincto collaborador e muito conhecido escriptor brasileiro: Eduardo Prado e o artigo que o apresenta ao publico é firmado pela penna magistral de Eça de Queiroz que é sempre o nosso tão estimado e respeitado chefe litterario. Magalhães Azeredo, o primoroso poeta e nosso dedicado collaborador teve a gentileza de offerecer á *Revista Moderna* a *primeur* do seu recente livro de versos as *Procellarias*, que muito proximamente será posto á venda em Portugal e Brazil. A linda poesia *Soror* que publicamos n'este numero, faz parte do livro que é, como por ella se vê, um engaste de fulgurantes joias. De Mathilde Serão, a brilhante escriptora e jornalista italiana, pouco conhecida no Brazil, publicamos uma bellissima novella que encanta pela simplicidade do seu enredo relatando n'um estylo claro e desprentencioso a historia de um casal que mal se comprehendia e que depois muito bem se comprehendeu. As nossas *actualidades* e *variedades*, cuidadosamente tratadas e largamente illustradas chamarão a especial attenção dos nossos leitores.

No seu proximo numero a *Revista Moderna* dará o retrato de Magalhães Azeredo acompanhado de um artigo de Mario de Alencar, um dos novos de mais assignalado talento que honra já as letras

brazileiras e do nosso distincto agente litterario e primoroso escriptor Alfredo Mesquita publicaremos tambem um formoso excepto do seu recente livro *Terras de Hespanha* que brevemente será posto á venda em Portugal e Brazil.

Do distincto historiador cearense e escriptor militar Arthur Montenegro inscriremos, um episodio da antiga campanha do Paraguay, narração cheia de movimento e de verdade, onde transparece a competencia do author n'estes assumptos em que tanto se tem distinguido.

Os novos Cartazes da Revista — Agradecemos penhorados as palavras amaveis e elogiosas com as quaes foram recebidas por parte de diversos e illustrados collegas as remessas que lhes fizemos dos *Novos Cartazes da Revista*.

Sabemos que foi um successo completo e nas ruas de Lisboa e do Porto já estão elles, fазendo um real prazer aos olhares dos transeuntes, annunciando alegremente a *Revista Moderna* que procura ser o *Magazine* mais artistico, litterario e noticioso que se publica em lingua portugueza.

Aos nossos amigos de Pariz e Portugal que nos temem escripto pedindo a venda de exemplares d'esse delicioso desenho para as suas colleções, avisamos que a primeira e resumida edição que fizemos especialmente para os amadores, foi rapidamente esgotada e que uma segunda edição que encommendamos estará prompta muito breve e á disposição dos senhores colleccionadores pelo preco de 500 réis em Portugal, 2 francos em Pariz e trez mil réis no Brazil. Os nossos agentes encarregam-se dos pedidos que serão immediatamente satisfeitos pela nossa administração.

Agentes da Revista em Londres.

A administração da *Revista Moderna* acaba de tratar com as duas maiores agencias de publicidade de Londres, para o recebimento de annuncios que as casas commerciaes de todos os generos na Inglaterra quizerem faser por intermedio da nossa publicação com destino ao Brazil e Portugal. Recebem pois toda a sorte de annuncios para a *Revista* os Srs. T. B. Browne's Advertising Offices. — 161-163, Queen Victoria Street. — e Street and Company. — 30, Cornhill E. C.

RECEBEMOS e AGRADECEMOS

Morbus, por Faria Neves Sobr^o, Laemmert e Cia, editores, 1898. Recebemos do seu auctor este livro no qual o Sr. Faria Neves revela um espirito de observação dos mais perspicazes e um estylo correctissimo, constituido sobretudo por uma clareza, energia e um colorido verdadeiramente raros. Sentimos não termos espaço para fazer aqui a larga critica que merece o livro; Essa critica porem está feita no magnifico prefacio de Clovis Bevilaqua que termina assim:

« Escreveu V. um romance pathologico, assumpto escabroso e seductor, captivante e enganoso que V. soube domar com as forças do talento e do estudo.

« Sem enredo, sem transes difficeis, sem situações exageradamente emocionantes, e, o que mais é, sem adulterios, e sem erotismo, conseguiu V. levar ao termino o desdobraimento do caracter de Bernardo Nogueira. A acção da hereditariedade combinada com a do meio social, ou, mais exactamente, com a do meio restricto dentro do qual move-se essa figura, foi o que o preoccupou. Surprender todas as evolutões que, atravez da vida, fosse descrevendo essa conjunção de energias foi o seu empenho. E o conseguiu vantajosamente. Não ha, nessa figura de nevrothia, um pensamento, um acto, um gesto que não se nos revele como uma eclosão natural de seu caracter, cuja formação se executa lentamente deante dos olhos do leitor. E o mesmo posso dizer do Simplicio, cerebro estreito e pretenciosidade vasta, e do Dr. Porciuncula, a rhetorica aninhada na pelle de um jornalista que nascera para diplomata, a qual, por ser balofa, deixa espaço sufficiente dentro da mesma pelle para que nella se abrigue a mais surpreendente ingenuidade. E si, por cima dessas agruras da vida V. derramasse um pouco mais de sentimento, V. que é poeta e lhe conhece bem as nuances, creio que, sem desnaturar a verdade que o seduz, teria dado maior intensidade á irradição emotiva do conjuncto. Mas V. preferiu agir como o experimentador que intervem na experimentação, mas somente para ver como os phenomenos se desdobram. Questão de temperamento.

« Seu estylo... mas bastemedizer que o acho admiravel. Constituido por uma liga rara de limpidez, vivacidade, energia e colorido, em certos momentos essas qualidades tomam extraordinaria relevancia. Esse capitulo em que V. nos descreve a romaria ao Monte é um exemplo frisante do que acabo de dizer. É realmente uma pagina vigorosa e brilhante como só os bons artistas produzem. Como forma, é a parte culminante do livro, assim como o é, pelo aspecto da emoção, toda aquella scena do desmoronamento physico de Bernardo, desde a Igreja, onde

elle escabuja faminto, sedento pela penitencia e pela graça celeste, aos pés da corpulencia escarninha do padre Ignacio, até o sossobro final em que as dores se desfazem nas nevoas anestheticsas de uma illusão mystica.»

CLOVIS BEVILAQUA.

Revista Portugueza. — Director: Ernesto J. de C. e Vasconcellos. Lisboa. Recebemos esta interessante revista colonial e maritima, cujo summario é dos mais interessantes.

Gil Braz. — Quinzenario illustrado de musica, litteratura, critica, theatros tauromachia e sport. Redactor: Vieira Junior. Lisboa. Recebemos os n^{os} 4, 5 e seis trazendo os retratos de D. João da Camara, Cyriaco Cardoso, Guedes d'Oliveira, Silva Pereira, Alberto Bessa e Silva Leal.

Revue du Brésil. — Publicação illustrada quinzenal. Director-proprietario: A d'Atri. Pariz, 56, rue Saint-Georges. Recebemos os numeros 42 e 43, cujos summarios são de primeiro interesse.

Revue Illustrée. — Publicação bimensual; Baschet, editor. Pariz. Temos em nosso poder os n^{os} 14 e 15 d'esta interessante revista. O primeiro d'estes numeros traz a biographia do celebre pintor Henner, com o seu retrato. Reproduz os quadros de maior valor d'este affamado artista cujas insignes qualidades, quer como colorista, quer como desenhador e compositor o fizeram sempre ter como um dos artistas francezes de mais alma o que veio ainda comprovar a Sociedade dos Artistas francezes attribuindo-lhe a medalha de honra do Salão de 1898. O n^o 15 traz o retrato do General Davout, Duque Auerstaedt, Grande Chancellor da Legião de honra.

Gabinete dos Reporters. — Jornal Independente Illustrado e Litterario, Lisboa. Recebemos os n^{os} 68 e 69. O 1^o traz os retratos dos nossos amigos e distinctos collaboradores Alfredo Mesquita e Xavier de Carvalho, acompanhados de justos e elogiosos artigos.

O retrato de Alfredo Mesquita orna a critica litteraria que o distincto escriptor Abel Botelho, tambem nosso prezado collaborador faz do livro *Terras de Hespanha* a que nos referimos n'outro logar.

Fallando do estylo de Alfredo Mesquita diz Abel Botelho.

« Contando com vivacidade e graça, em referencias anecdoticas, as coisas, á similhaça de Julio Cesar Machado, leva no emtanto Alfredo Mesquita ao inolvidavel folhetinista decidida vantagem, na superrima estadeação das suas qualidades artisticas. As paginas em que nos descreve a differença que notou entre a alegria de Pariz e a alegria de Madrid; aquellas em que nos fixa os varios typos de mulher hespanhola, desde a vasconça, a aragoneza, a catalã, até á endiabrada madrilena « galantinha e meiga, bem feitinha de hombros, redondinha e dura »; e ainda as suas rapidas annotações sobre Velasquez, « o symbolo não

só da pintura, mas da propria raça hespanhola » — tudo isto são preciosos camafeus litterarios, denotando muita elevação e muito senso esthetico, as qualidades naturaes enaltecidas pela educação, a mais fina sensibilidade vibrando a par com o modo scientifico pittoresco, exacto de discernir as coisas.

Depois, á parte estes seus mesmos efeitos de exteriorisação, tem o livro, *Terras de Hespanha*, meritos intrinsecos, caracteres seus proprios que o fazem verdadeiramente notavel. A prosa d'este livro é uma prosa sua, simples e intensa, colorida e sóbria, saltitante; por vézes com uma construcção grammatical especial, tirando efeitos da propositada transposição, ou da repetição a proposito, de algumas palavras, — efeitos estes que são mais que o trocadilho, que têm a sonoridade de verdadeiras alliterações, e, graciosos *trioletts* da prosa, trazem no emtanto muitas vézes na sua forma guisalhada e leve a profundidade e o peso dos mais felizes conceitos. Como, por exemplo, quando o auctor nos falla de Taine, « esse que parece ter o dom de tudo ver com os olhos da alma de Todos Nós... »

Na forma, na expressão graphica do seu sentir, realizou Alfredo Mesquita n'este livro um avantajadissimo progresso. Desarticulando, á maneira de Fialho, uma ou outra vez o periodo, mas apenas o *quantum satis*, sem comprometter o equilibrio structural de conjuncto; dando-nos, como Loti, dos differentes aspectos sómente a summula da impressão; Alfredo Mesquita consegue ser, ao mesmo tempo, franca e inconfundivelmente pessoal atravez dessas duzentas paginas perfumadas, sadias, em que nós a cada linha surpreendemos captivando-nos, stereotypado, o mesmo inalteravel sorriso agudo e complacente que de ordinario anima a doce physionomia gauleza do auctor.

ABEL BOTELHO.

Le Brésil. — Continuamos a receber regularmente os numeros d'este interessante periodico, que é sempre a melhor fonte de informação, na Europa, de tudo que se passa na grande Republica Brasileira.

A Moda Elegante. — Directores proprietarios Guillard Aillaud e Cia, 66, boulevard du Montparnasse. Pariz.

Temos em nossa posse os n^{os} 27, 28, 29, 30, 31. Trazem estes numeros gravuras com as ultimas novidades da estação, Moldes, Modelos, Figurinos de côres, e outras Variedades.

Continuamos a receber. — Os seguintes Diarios e semanarios de Portugal e Brazil: *Jornal de Lisboa, Gazeta da Figueira, Districto de Leiria, Revista Illustrada, Revista Juridica, Diario Popular*, 15 de Novembro. *Germania, La Tribuna italiana, Correio de Chaves, O Reporter, Reformador, Gazeta do Qovo.*

Zélia, por Oscar Leal. — O distincto escriptor brasileiro Oscar

Leal teve a amabilidade de nos offerecer este seu novo livro que mais uma vez affirma o seu alto merito litterario.

Tinha o auctor d'este livro 17 annos de idade e era alumno d'um collegio em Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro, quando escreveu o romance *Filha de Miseravel*, poucos annos depois publicado no roda-pé d'alguns jornaes brasileiros. Pensou mais tarde em reeditá-lo, mas extraviados os originaes que eram mais completos, restavam-lhe apenas copias impressas, repletas de omissões, das quaes poude afinal servir-se para a refundição e ampliação d'esse trabalho que, sob o titulo suggestivo *Amores de uma Brasileira*, foi ha pouco publicado em folhetins no *Diario de Noticias* (Funchal) e que agora apparece em volume, trazendo no frontispicio o nome da protagonista como principal titulo.

Apezar de tratar-se da historia de uma mulher de costumes facéis, o titulo não peccava por mal adequado, visto ter o auctor modificado o seu trabalho longe do logar e do paiz onde se desenrola a acção. Relata-nos elle a historia d'uma mulher livre, como poderia ou poderá relatar-nos a historia de uma mulher virtuosa, de costumes illibados e como as ha tambem lá e em toda a parte.

A presente obra, tanto pela sua contextura, como pelo colorido das descripções, deve agradar a muitos leitores, principalmente aos senhores moralistas, porque na verdade encerra uma sublime lição de moral.

ANNUNCIOS DA REVISTA

Sylvie e Jeanne Boué. — Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio da importante casa de modas e costuras que figura na capa da *Revista*. O grande successo obtido pelas irmãs Sylvie e Jeanne Boué e a exposição permanente de modelos ineditos e de tudo quanto a *coquetterie* feminina pode imaginar de mais completo e atrahante: chama constantemente os salões da rua do Helder, as mais bellas e elegantes senhoras, parizienses e estrangeiras.

As pessoas que desejarem procurar esta casa em nome da *Revista Moderna* serao attendidas com especial cuidado.

Equipagens de luxo. — A antiga e bem reputada casa **Demars**, cuja especialidade em materia de carros particulares e equipagens de luxo é bastante conhecida: faz pela *Revista* um annuncio, no qual as pessoas interessadas poderão se utilizar com toda a confiança. O serviço de carros particulares para familias ou estrangeiros de passagem: por dia ou por mez; é garantido por esse estabelecimento, como de primeira ordem e pelos preços os mais moderados. Um grande material aperfeçoado com todas as exigencias do conforto e da elegancia esta em constante exposição sendo todos os seus carros munidos de rodas, com borracha e rodas pneumáticas.



(REVISTA MODERNA)

EDUARDO PRADO

A QUALIDADE dominante d'Eduardo Prado, a sua *qualité maitresse*, segundo o termo escolar da velha Psychologia Francesa, a qualidade motora da sua vida pensante, e mesmo da sua expressão social, é certamente a curiosidade. A Curiosidade, instincto de complexidade infinita, leva por um lado a



1865.

escutar ás portas e por outro a descobrir a America: — mas estes dous impulsos, tão differentes em dignidade e resultados, brotam ambos d'um fundo intrinsicamente precioso, a actividade do Espirito. Um espirito indolente não se arremessa com magnificencia para os mares desconhecidos; tambem não se arrasta mesquinamente para as fendas das portas: immovel, como uma arvore sobre as raizes, ondula e rumoreja, dá a sua folha ou o seu fructo, derrama a sua curta sombra sobre o seu curto chão, e na mesma immobillidade, direito sobre as raizes, murcha, caduca e perece. O espirito porem que incita o homem a deixar a quietação do banco do seu jardim, a trepar a um muro escorregadio, a espreitar o jardim visinho, possui já uma estimavel força de vivacidade indagadora: — e a tendencia que o moveu é essencialmente identica á tendencia que, n'outro tempo, levava outro homem a subir ás rochas de Sagres, para contemplar, com sublime anciedade, as neblinas Atlanticas. Ambos são dous espiritos muito activos, almejando por conhecer o mundo e a vida que se estendem para alem do seu horisonte e do seu muro. O valor tão violentamente discordante das obras dependerá apenas do quilate dos dous espiritos, e das condições em que se exerçam, largas aqui com toda a largueza da omnipotencia, mais estreitas alem de que a choça d'um servo. Um, nascido com aladas aspirações de conquista e de fé, trabalhando sobre as energias novas d'um povo forte, revelará aos homens o segredo da Terra: — o outro, d'indole pècca, enlevado na importancia da comadre e da couve, não cessará de esfolar os joelhos, no esforço de trepar aos muros para espiolhar as vidas e as couves alheias. Depois um, ao acompanhamento das lyras epicas, penetra na Immortalidade: o outro não passa do canto do muro, onde certamente o apedrejarão. Mas ambos elles, o creador de Civilisação, o creador d'escandalo, obedeceram á mesma energia intima de iniciativa descobridora. São dous espiritos governados pela curiosidade, a *vil curiosidade*, como lhe chama Byron, com romantica ignorancia... E de resto, sem essa qualidade vil, nunca o primitivo Adão teria emergido da caverna

primitiva, e todos nós, mesmo o curiosissimo Byron, permaneceriamos, atravez dos tempos, solitarios e horrendos Troglodytas.

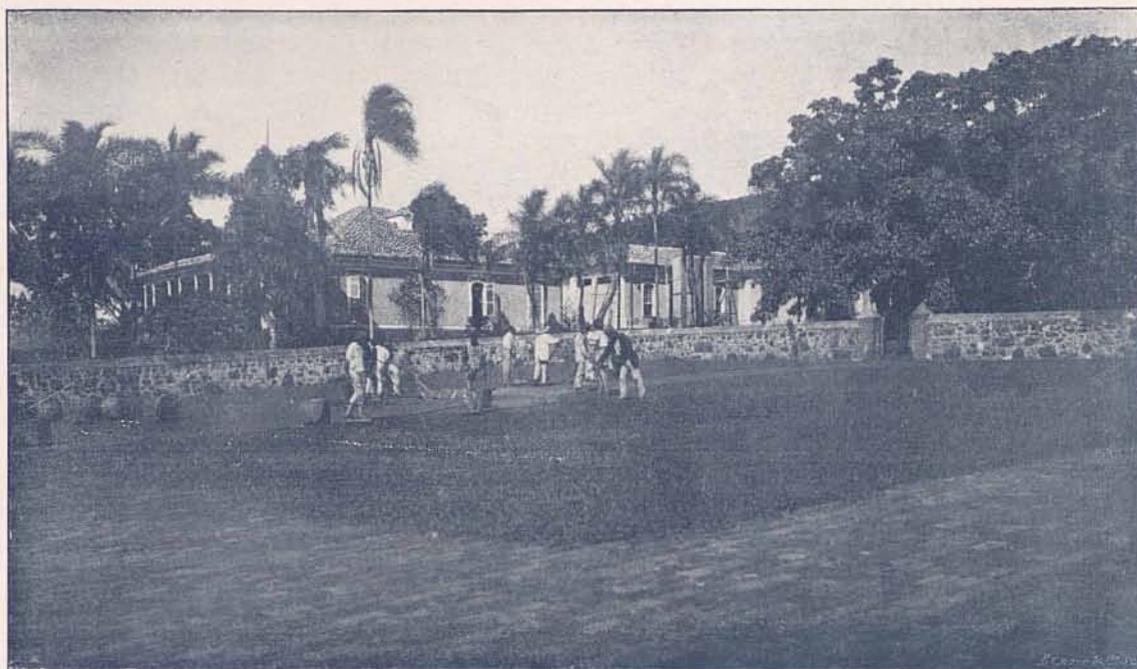
As Fadas beneficicas que rodearam o berço d'Eduardo Prado, dançando levemente, carregadas de dons, tambem lhe trouxeram, na almofada mais rica, esse dom fecundo da Curiosidade. As qualidades primaciaes são precoces: — o divino Hercules, apenas embrulhado nos seus cueiros pelas luminosas mãos d'Alcmena, estrangulou logo, como risonho ensaio de mais altos trabalhos, duas serpentes terrificas. Eduardo Prado começou seguramente por desmanchar e remexer o seu berço, no appetite de conhecer bem o arranjo e a espessura das pennas. Affirma Carlyle que o periodo da Curiosidade passou como o periodo da Cavallaria — e que no homem se não mantem, puro e afiado, aquelle bello instincto que impelle a creança a arrombar os tambores para descobrir o escondrijo do som. Carlyle denegrio sempre o seu tempo... Ainda surgem entre nós alguns magnificos Curiosos — como ainda pelas ruas perpassam Paladinos, cuja bengala é realmente uma lança disfarçada. Eduardo Prado conservou esplendidamente o instincto: na sua mocidade, como ja outro descobrira a America, não sei se escutou muito ás portas do Saber: mas, concluido aquelle Bacharelato que nos paizes latinos se tornou um complemento do Baptismo, logo anhelou por escutar e olhar, para alem do seu bocádo d'America, a Terra toda, em toda a sua fallada redondeza. Este desinquietao desejo não escassea entre os civilisados — agora que percorrer

o mundo já não é, como no seculo xv, empreendimento de grande confusão, alarido e damno. Com todos os nossos mares aclarados, nenhum tenebroso, e divertidos Hoteis boiantes para os atravessar, providos de adega, de inglesas sensiveis, — milhares de sujeitos, constituindo já uma classe, possuindo já um rotulo (*Globe-trotters*, trotadores de Globo), trotam, assobião, dão vivamente

a volta ao Mundo, com a facilidade, senão com a philosophia, do fino de Maistre dando a volta ao seu quarto. Mas estes sujeitos trotam pelo gosto corporal de trotar, « para se dissiparem, não para se acrescentarem » segundo a forte expressão ecclesiastica; — e no seu trote continuo atravez dos Continentes vão



1873.



Fazenda do Brejão : A casa de residencia.

assobiando por que não vão pensando. Na realidade são vagabundos. Prado foi um Viajante, do typo pensativo de Anacharsis (sem a sua austeridade e a sua facundia, louvado Deus!) Viajou vastamente, viajou intensamente : não como vagabundo mas como philosopho, para quem o Mundo constitue aquelle livro que louva Descartes, o mais proveitoso de folhear ainda que o mais difficultoso de comprehender, porque esse vive, e os outros livros são almas embalsamadas. Toda a Europa, a Arabia, a Palestina, o Egypto, a India, a Australia, as duas Americas, as Ilhas do Pacifico, terras fortemente estudadas, finamente assimiladas, lhe penetraram no espirito para sempre : — e, como aquelle de quem cantou o Poeta, tambem elle traz « o mundo em si com as cidades e os homens... »

Ora, tendo recebido simultaneamente das Fadas beneficicas o dom inestimavel de se interessar — Prado, no seu correr do mundo, não se limitou a contemplar « as faces dos Homens e as pedras das Cidades ». Espiritos que o Seculo aclama, espiritos diligentes e inventivos, se contentaram com esse exame, ligeiro e tão facil, dos trajes, das architecturas, das paisagens, visitando as Nações como Museus, para gozar fórmias e côres. Mestre Gauttier, um critico, um erudito, trilhou a Hespanha com amorosa curiosidade sem reparar n'uma alma — notando apenas pregas d'estoffos, lavores de pedras, bellezas de ceus... Prado, ao contrario, com a sua activa sympathia humana e social, desejou penetrar, penetrou no viver dos Homens e no organismo das Sociedades. E, pela força d'essa sympathia, não resvalou no erro hereditario de viajantes muito illustres e muito doutos — não desdenhou nunca costumes ou ideas, simplesmente por que ellas divergiam do typo generico e mediano da Civilização Francesa em que o seu espirito crescera e se formara. Toda a Sociedade do seculo xviii, composta dos d'Alembert, dos Chamfort, dos Fontenelle, das M^{mes} Geoffrin, das M^{me} Tencin, exclamava com elegante espanto : — « Que exquisitice, haver Persas! » Era esse o tempo em que a França (e com ella a Europa deslumbrada) não compre-

hendia que se fosse humano, não se sendo Francez. Hoje a Europa já admite que existam Persas e Indios, — sobretudo para lhes sugar a substancia valiosa. Eduardo Prado porem pertence áquelles que não só consideram muito racional, em tão vario Universo, a existencia dos Persas — mas que sustentão que os Persas podem ser ama-

dos desde que sejam comprehendidos. E fervorosamente procurou comprehender, e atravez d'essa comprehensão, amar todos os Povos a que aportava — estudando em cada um a virtude ou a belleza ou a energia propria, enterrecido aqui pela doçura rural, impressionado alem pelo fragor industrial, igualmente partidario do Beduino no seu Deserto e do constructor de Glasgow nos seus estaleiros, romano em Roma como manda S^{to} Anselmo e tanto deleita, mas Hindu na India, e tão harmonicamente congenere entre os monges d'algum sumido e secular mosteiro do Libano como entre os faustosos negociantes de lâ nos clubs de Melbourne. Para conversar affectuosamente com as Nações, como deseja Montaigne — não se importou jamais que ellas fossem amarellas, ou côr de breu, que vestissem cabaia ou jaquetão de cheviote cortado na City, ou nem jaquetão nem cabaia, e apenas um collar e uma lança aguda. E assim de todas as Sociedades em que mergulhou recebeu um ensino inestimavel, o mais fecundo e o mais puro, o ensino de que todo este largo mundo é uma pequena cidade, a verdadeira Cidade entrevista por Epitecto, onde a diversidade dos habitos esconde a identidade das almas, e onde Deus só espera que todos os que a habitam verdadeiramente se entremem para então a tornar celeste e a habitar Elle tambem. Se as viagens a todos trazem riqueza intellectual — a Eduardo Prado deram riqueza moral. E eis a vantagem, quando se trota no Globo, de ir mais pensando do que assobiando.

Este mesmo impulso de curiosidade e rapida sympathia humana, que espalhou Eduardo Prado atravez das Continentes, o concentrou no estudo apaixonado da Historia. — E n'esta outra peregrinação não se contentou tambem em observar a fachada monumental dos Tempos, feita de Reinados, de Leis, de Tratados, de Nupcias, de Rebelliões, de Guerras, toda salpicada de nomes e datas, com semblantes de heroes em gesso ou marmore : mas penetrou para alem da fachada synthetica, no esforço de conhecer sobretudo o pensar, o sentir, o viver costumario, o ser moral, a alma palpitante dos Tempos. De

resto a Historia, n'essa forma externa, é apenas um secco e sombrio registo de crimes, desvarios, miserias. Toda ella se compõe, na realidade, das más acções dos grandes homens. Os destruidores, os oppressores, os enganadores, os malfeitores, todos « grandes homens », atravancam a superficie da Historia, bem juntos, a couraça d'um roçando na simarra do outro, de modo que o Passado inteiro apparece apenas como um grupo das suas desconformes figuras, coroadas, mitradas, inchadas d'orgulho. E a Historia assim feita, assim lida, é simplesmente uma satira da Humanidade... Ora Eduardo Prado é sobretudo um amigo dos homens. Por isso na Historia procurou sempre aquelle coração intimo das multidões que nunca se mostra nos Annaes e ás vezes surge nas Anecdotas, e que com a sua eterna mistura de credulidades, desalentos, terrores, sacrificios, coleras, extasis, mortificações, nos faz fundamentalmente sentir a funda unidade humana, renova a talvez dos seculos a fraternidade das gerações, e me torna, a mim que escrevo, um contemporaneo moral dos remotos escribas que gravavam as Lendas de Izdubar sobre os tijolos duros da Assyria.

A leitura da Historia, assim dirigida, desenvolveu n'elle um dos seus fortes sentimentos innatos — o amor do Passado. Eduardo Prado permanece com effeito um devoto das Edades Antigas — devoção esmorecida, quasi desaparecida, n'este nosso Seculo XIX que por ter surripiado casualmente tres ou quatro segredos á Natureza, e saber manejar com mais destreza a Matéria, e conseguir alguma acceleração de movimento por meio da agoa a ferver e alguma rapidez de transmissão por meio d'uma Força que não comprehende nem domina, se considera oxcelsamente superior a todos os povos que não conversavam por meio de fios d'arame. Ah! No seculo XVII, quando trovejava a contenda sonora « dos Antigos e dos Modernos » — com que ardor e afan elle correria a proclamar a superioridade dos Antigos, apesar dos Modernos d'então serem Molière, Lafontaine, Bossuet e Corneille! Ainda hoje o julgo capaz d'affirmar que o homem de tudo pode rir, pois que « rir é proprio do homem », — excepto dos Gregos e dos Romanos. E, segundo Goethe, nunca um homem revela mais o seu caracter e a sua intelligencia — do que por aquillo que elle considera rizivel. Mas o seu culto da antiguidade não se confina, como o d'um velho Humanista, ás Letras Classicas — antes abrange toda a vida antiga, em todas as suas expressões, intimas ou cerimoniaes, desde o Gyneco até ao Forum. Á maneira de S. Gregorio, elle pede certamente a Deus a salvação da alma de Virgilio (que de certo está salva): mas sobretudo lamenta, como S. Agostinho, que Deus o não destinasse a assistir, misturado entre os Senadores, ou mesmo suando com a Plebe n'alguma esquina do Velabro, ao esplendor d'um Triumpbo Romano. E um dia me confessava que a sua emoção mais sinceramente intellectual a sentira deante d'um bronze: — mas esse bronze era a estatua, aos pés da qual tombára, nas pregas bem arranjadas da sua toga, Cesar, apunhalado.

Este culto do Passado não só actua sobre o desenvolvimento incansavel da sua cultura — mas dirigio docemente a evolução da sua Consciencia. E a elle talvez, mais que ás influencias d'educação (e mais de certo que ás desillusões do mundo) deve o seu Catholicismo, forma em que crystallizou, com solidez, e muita transparencia

e vigor de detalhes, a religiosidade errante que lhe bastára, nos annos de errante mocidade. Como Chateaubriand, que insaciadamente relê e absorve, o que o attrahio no Catholicismo foi a sua « belleza » inefavel, a graça das suas creações celestes, a transcendente ternura das suas lendas, o fausto do seu rito, a harmonia das suas gerarchias, a nobreza da sua unidade, a magestade da sua duração... De certo não pretendo que Eduardo Prado seja Catholico — por gosto d'Antiquario... E de resto outras razões, de temperamento, de cultura, d'opinão social, o governam — pois que, dentro da Igreja, mesmo para as necessidades espirituaes, sempre prefere, sempre procura, na parte mais rica e mais forte da Igreja, o ministerio das Congregações militantes. Mas sem duvida a Beatriz Theologica que no meio da sua « estrada » (porque todos a tem, mesmo no Boulevard) o tomou pela mão, o iniciou, era creatura toda de belleza — e a augusta Poesia do Passado cantava na sua voz persuasiva. Elle mesmo reconhece que esta foi a envolvente attracção. E ainda recordo a sua impressão assustada, quando, uma noite em que

conversavamos d'estes altos interesses da Consciencia, elle, tomando ao acaso a *Imitação de Christo*, deparou com esta linha, que lhe pareceu um aviso reprehensivo mandado de Cima: — « Escuta a palavra de Deus pela verdade, não pela belleza! *Veritas est in Scripturis Sanctis quærenda non eloquentia* » Agora está tranquillo e confiado — por que a Belleza confortavelmente o conduzio á Verdade. Mesmo sem a dogura das amoveis

Lendas, sem a magestade secular dos Ritos, elle consideraria ainda a Igreja Catholica como o mais salutar, mais amavel, mais fresco asylo da Alma, doente ou sã. E, todavia, se o Dogma da Santissima Trindade, ou outro tão essencial, fosse decretado agora, n'este mez d'Agosto, em Concilio Ecumenico, e lhe chegasse de Roma n'um Mandamento, com a tinta mal secca os, carimbos do correio ainda frescos, elle acolheria o grande Dogma sem entusiasmo, como concepção desauctorisada, quasi deselegante, por ser tão contemporanea!

A este amor do Passado se pode ainda ligar a sua ruidosa colera, quando o Brazil consumou a Revolução a que elle mezes antes estudára as causas com tanta serenidade e phisologico desinteresse. Sem estimar consideravelmente os methodos do Imperio, Prado amava o Throno Imperial pela antiguidade que lhe davam, não os annos, mas a hereditariedade, a continuidade historica, como ramo mais poderoso e mais fructifero do velho tronco colonial que apodrecêra. Era para elle uma Instituição de raiz, de comprida raiz, funda e largamente mergulhada no solo moral da Nação, que ella tornava mais consistente, e a que communicava, como as raizes d'um velho roble ao chão em que cravam, um



1002.

aspecto de duração é veneravel repousó. E quando a soube desarraigada bruscamente, n'uma madrugada de Novembro (e pela ferramenta menos limpa e destra para desarraigar instituições, uma espada), todos os seus fortes sentimentos de patriota, de legista, de intellectual, mesmo d'artista, se rebellaram, escandalisados. Com o desaparecimento do Imperio elle temia o desaparecimento do velho Brazil, da sua sociedade esmerada e culta, dos seus costumes graves e doces, da sua disciplina social, da sua segurança legal, da sua harmonia economica, da sua auctoridade entre as Nações, de toda aquella ordem formosa que o erguia na America como o representante mais alto da Civilisação latina. E a este desaparecimento desastroso, ainda accrescia, para o indignar e aterrar, o advento do Jacobinismo. Um dos espiritos mais profundos, e de certo o mais logico da Revolução, o homem que na Igreja Socialista tem a preeminencia simultanea d'um S. Thomaz e d'um S.^{to}. Agostinho, P.-J. Proudhon,



1839.

encontrára no Jacobinismo (atravez de longos annos d'observação experimental) tanta carencia de conceito philosophico, tanta hostilidade ao espirito critico, tanta incompreensão da justiça, tanta desconfiança da liberdade, tanta intolerancia terrorista, tanta malicia inquisitorial, tanta tendencia a governar por meio dos instinctos e grosseiras paixões, tanto zelo em estreitar e retesar as formulas auctoritarias, tanta confusão de sciencia e consciencia, tanto immobilismo intellectual, tanta inconsistencia agitadora, tanta arrogancia, tanta inveja, tanta garrulice, tanta futilidade — que terminou por considerar seriamente o Jacobinismo, não como uma doutrina, mas como uma doença maligna do coração e do cerebro! Mas a estes desagradaveis vicios que lhe analysou, com tristeza e tédio, o grande Logico da Revolução, ainda o Jacobinismo junta um outro, abominavel para um espirito tradicionalista como o de Prado — a violencia iconoclasta. O Jacobinismo possui por unico principio um *quiproquo* — a substituição da Soberania do Rei pela soberania do Povo. Vive d'uma impudente escamotagem de corôas, do salto d'uma ficção para outra ficção, d'uma mudança de Absolutismo — e desastrosa, por que sempre o Absolutismo impessoal da Multidão será mais rude, phantasista e cruel do que o authoritarianismo d'um Homem, peiado pelas considerações de Dynastia e de Sociedade, e accessivel ás influencias do terror, quando o não seja ás da justiça. O Jacobino portanto tambem se reclama d'um Direito Divino — que elle denomina Direito Popular : é o concorrente nato da Realesa : e, desde que

governa, procede logo, mais por instincto do que por systema, a destruir toda a obra secular da Monarchia. Para elle não ha tradição nacional — pois que a Nação só legitimamente data do dia em que elle se coroou e reinou! O seu desejo e interesse seriam annular toda a Historia. Mas a Historia é tao indestructivel como o solo; e assim se abaixa o Jacobino, na plena força do Poder, a derrubar crucifixos, a apear estatuas, a raspar corôas na fachada dos palacios, a mudar nomes nas esquinas das ruas, com aquelle fanatismo e zelotismo empolado e minucioso que exasperava Proudhon, e o levou a alcunhar esses sectarios amargos de *Phariseus da Revolução!* A tal seita julgou Prado que ia pertencer a sua Patria, que cincoenta annos d'ordem, de trabalho, de cultura, de paz, tinham elevado no Mundo. E correndo á *Revista de Portugal*, a denunciar o attentado, obedeceu a um puro instincto... Obdeceu ao instincto d'um fino amador de Arte que, avistando um bando barbaro, em torno d'um monumento que honra a Cidade, com os camartellos erguidos para o destruir — corre á janella, e braceja, e grita, não somente para assustar o bando funesto, mas para despertar a resistencia da Cidade ultrajada.

Tambem o culto do Passado se revela, em Eduardo Prado, pelo seu carinho quasi filial ao velho torrão Luzitano. Poucos Portuguezes amarão Portugal com um amor tao intelligente e critico, em que não entra sentimento atavico, e que todo elle nasce da observação, da comparação, d'um estudo attento feito por meio de jornadas, depois completado por meio de leituras, duas fontes do Saber de limpidez desigual, mas ambas agradaveis e recommendadas por Aristoteles. Solido conhecedor da nossa Historia, mesmo da Historia anterior ás primeiras colonisações do Brazil (porque sobre aquella que se desenrolou depois a sua erudição faz auctoridade), tudo o que a ella se prende, como tudo o que se prende á Ethnographia Portugueza, tradições, lendas, supertições, festas, cantigas, anexins, costumes populares representando estados sociaes, velhos casos da vida ceremonial, enredadas genealogias d'uma familia historica, o encanta, o apaixonou. E a mesma seducção o leva, sempre que aporta á Europa, a percorrer as nossas provincias, familiarmente, de carruagem, como quem visita terra sua, espalhando a attenção com zelo igual pelos monumentos e pelos homens, pelo que se semeia e pelo que se pensa, tao contente d'espirito quando, entre cruditos, consulta os velhos pergaminhos d'uma Collegiada, como contente de corpo quando entre camponeses, á volta d'uma romaria, bebe o fresco vinho verde sob as ramadas do Minho. Rico d'amigos, em Lisboa, por Portugal inteiro, todo o movimento da Corte, da Sociedade, da Politica, o interessa — como as oscilantes manobras d'um barco onde os seus amigos navegam, uns confiados, outros inquietos... Prado, esse, não receia pelo barco! Especialmente para Portugal Prado é um immenso optimista, não d'um optimismo indulgente e bonacheirão á Pangloss, mas d'um optimismo racional, deduzido da Historia. Elle pretende que Portugal, sempre, desde Affonso Henriques, viveu enredado em difficuldades — que sempre invariavelmente venceu pela tenacidade, pela coragem, pela destreza, pela adaptação muita elastica a todas as renovações sociaes, e tambem pelo favor da Providencia que, desde a planicie d'Ourique, o vela e o ama. D'esta theoria optimista da immor-

talidade de Portugal tira elle a certeza de ser a nossa terra, alem da mais doce e livre, a mais segura d'habitar. Mas no seu desejo, agora renovado, de habitar uma quinta em Portugal, entra muito o gosto moral de collocar, de anno a anno, a sua vida harmoniosamente n'um meio onde elle já fixou muito do seu espirito, e, pelas sympathias dadas e recebidas, já collocou uma parte do seu coração. E de resto talvez o que o chama assim a Portugal seja esse conjuncto de crenças e costumes que em nós persiste por que condiz com o nosso genio nacional, onde elle encontra os moldes ancestraes do seu Brazil, e que do seu Brazil receia desappareçam rapida e tumultuariamente.

Porque a afeição de Prado por Portugal é o complemento natural do seu amor pelo Brazil. E n'elle esse amor patriotico nunca soffreu diminuição, nem degeneração, bem solido, bem alto, rijamente cimentado nas profundidades mesmas do seu ser. Ha talvez, agora, por vezes, um tenue arrufo, quando a sua Patria se abandona ligeiramente a braços, que elle imagina não possuirem nem robustez, nem pericia. E quando desconfia que esses braços de mau amparo, de guia incerta, a deixaram tropeçar, rasgar um pouco a tunica phrigia, tambem o atravessa o curto gosto de murmurar — « Ah! está! Desgraçadamente eu bem dizia!... » Mas são fugidias sombras... Na realidade elle permanece o puro e forte patriota que traz sempre da Patria, comsigo, não só o espirito, mas a imagem. As dilatadas viagens, as residencias nas capitaes de mais seducção, as afeições floridas longe da Patria, teem encontrado n'elle uma natureza magnificamente impermeavel, não já ao Cosmopolitismo, incompativel com individualidade tão accentuada — mas mesmo áquella influencia das Civilisações muito fortes, muito creadoras, muito rebrilhan-tes, que actuam no espirito como o sol dos paizes de grande sol actua sobre a pelle, tornando uma rozea e nivea filha da Escos-sia, depois de tres annos d'India, mais morena e mais languida que as bayaderas do Nepaul. Este homem que ha vinte annos trilha o Boulevard não tem, louvado elle seja, e por tal louvar louve elle a Deus, um traço minimo de Boulevardismo. E o seu espirito, sempre em movi-

mento dentro do movimento intellectual da França; permanece tão livre e proprio da sua raça, como se sobre elle nunca pousasse sequer a sombra amavel d'uma idea francesa... Sim, talvez, o Anti-semitismo! Mas o Anti-semitismo é uma idea neo-gothica, ressuscitada em França, e pintada de coleras novas, de vermelhões infinitamente artificiaes, para ajudar ao assalto do Capitalismo. Ora Prado, nos Judeos, não detesta só despotismo financeiro — apenas o advento social... Detesta que elles tenham surgido da sordidez do Ghetto, que não usem sobre a roupa as infamantes rodellas cõr d'agafrão, e que nunca morram em fogueiras christãs. O seu anti-semitismo não o aprendeu com os Francezes, depois da Exposição de 1889 : — mas no Seculo xiv, com os Dominicanos. Não! não ha n'elle nenhum Francezismo — todo elle se apresenta moralmente vernaculo. Até esta civilisação, sempre em fermento, o fatiga. E quanto mais rebrilha a actividade social de Paris ou Londres mais elle lamenta, com fina saudade, o verde-negro socego do seu Brejão. Talvez mesmo agora nunca deixasse a sua Patria, se, de anno a anno, franzindo o sobrolho, a sua Patria o não sacudisse para as patrias alheias. Atravessa então os sertões, sulca trez mil legoas de mar incerto, remergulha no bulicio Europeu, e ao cabo de seis mezes recomeça surrateiramente a refazer as malas para se escapar com delicias para o silencio dos cafezaes.

É que na Europa sobretudo lhe falta terra sua, terra em que brotem fructos seus, terra em que pastem gados seus. Por que este homem de Bibliotheca é tambem essencialmente um homem da Natureza : — e a sciencia formosa « de produzir as risonhas messes, de remexer a terra sob o signo favoravel, de multiplicar o armento, de cuidar da abelha provida » não tem mais sincero, reverente



Eduardo Prado na sua Bibliotheca do Brejão.

amador. Ama a Terra não somente pela sua belleza, pela innocencia das suas tarefas salutaes, pela quietação que ella verte na alma — mas sobretudo pela sua acção libertadora, pois que bem sabe que só vive livre quem d'ella vive. O Fado ironico dizpoz que elle habitasse cidades, se enfronhasse em livros, se votasse a theorias economicas, pelejasse por instituições politicas : mas elle paga ao Fado ironico com redobrada ironia, cumprindo muito intermittenmente, muito negligenteemente, esta missão imposta — e reservando toda a sollicitude e continuidade d'applicação para as cousas amadas da Natureza e da Terra. É possivel que Eduardo Prado esqueça, ou mesmo

panharão, na Historia, a Dictadura, com um silvar, de certo amortecido, mas perennemente desagradavel de latego. Assim as tendencias Norte Americanistas da Republica provocaram esse esplendido libello, a *Illusão Americana*, o mais forte que se tem construido contra a raça Neo-Anglo-Saxonia, tal como a moldou na America um solo novo, o uso muito duro da escravatura, o contacto violento com raças barbaras, o excesso de democracia utilitaria, e a carencia d'uma tradiçào. E quando por outro lado, agora que a Nação reentra com segurança na normalidade da vida, elle pressente um salutar retrocesso ao idealismo religioso, logo reúne e fortifica



Eduardo Prado na sua bibliotheca em Paris.

abandone, com risonho e leve gesto, o Jornal que fundou, o Comicio que convocou : — mas, á planta que elle plantar, não faltará nem adubo, nem sacha, nem réga, nem ternos cuidados!

Estas qualidades, a não ser a do Patriotismo, não influenciaram, nem se mostram nos seus Livros. É que, alem d'uma Viagem no Oriente (repassada de verdade, interessante saber, vigor luminoso) Prado concebeu e trabalhou todos os seus livros n'um momento d'urgencia, por impulsivo patriotismo, para attacar ideas ou homens de quem receava a desorganisação do Estado, ou para animar aquelles que reagiam contra essa desorganisação pela força latente d'alguma virtude social. Assim a victoria do Jacobinismo Politico e do Fanatismo Positivista determinaram essas vehementes Chronicas de FREDERICO DE S., os *Fastos da Dictadura*, que acom-

as almas, contando ardenteemente a alma d'um doce Santo, o Padre José Anchieta. Sempre toma a penna n'um momento de pressa social ou moral, — como se agarra uma espada que rechaca ou conduz. Todos os seus livros politicos (desde os *Destinos do Brazil*, perfeito estudo de Psychologia social) são pois Pamphletos, ainda que não se compõem d'uma « folha ou folha e meia de papel, repleta de veneno, » segundo a famosa definição que deu de Pamphleto o lendario Arthus Bertrand, livreiro, jurado, capitão da Milicia Nacional e homem excessivamente bem pensante... E pertencem portanto a um « genero » superiormente nobre, por que d'elle se serviram para grandes feitos Proudhon, Pascal, Cicero, S. Basilio, Tertuliano, S. Paulo, e até Isaias e Ezequiel. Se não cabem na definição do illustre Arthus os livros de Prado — certamente realisam, e com singular ri-

gor, a definição de Pamphleto formulada pelo mestre Pamphletario d'este seculo, P. L. Courier. O que é um Pamphleto? « Uma idea muito clara, sahida d'uma convicção muito forte, rigorosamente deduzida em termos curtos e limpidos, com muitas provas, muitos documentos, muitos exemplos... » Este é, segundo P. L. Courier, um Pamphleto — e tambem « a mais corajosa, mais util, mais pura acção que um homem pode praticar no seu tempo, por que se a idea é boa derrama verdade, e se má logo apparecerá quem a corrija, e a correcção produzirá exame, comparação, contra-prova, e portanto approximação da verdade! ». Ora, pelo dictame de P. L. Courier, Eduardo Prado é um incomparavel mestre do Pamphleto. Antes de tudo possui sempre uma convicção forte, de boa raiz, raiz que ora mergulha na razão, ora apenas no sentimento, mas suga sempre n'um solo vivo. Sem dilletantismos letrados, sem necessidade profissional (de resto enlcado sempre n'uma certa indolencia contemplativa) elle só se acerca do trabalho por dever, a uma sollicitação urgente da consciencia. Candidamente e tenazmente julga então possuir a Verdade: e como, nos dominios da intelligencia, junta muita probidade a muita temeridade — a sua Verdade não a vela, nem a limita, nem a adoça, nem lhe mostra só os lados mais amaveis e macios. E a Verdade rompe d'elle como habita no seu pōço, nua, com uma corajosa nudez de selvagem ou de Deusa. Depois as suas ideas são muito claras, d'uma clareza secca de crystal bem talhado, com finas arestas onde a luz refulge. Confuso nos desejos, nos planos e nos modos, Eduardo Prado é, quando pensa, um lucido — e não d'uma lucidez esparsa, allumiando amplos espaços com tenuidade, mas concreta, por isso mesmo ricamente intensa, como um fino dardo que vara horisontes. A esta clara visão elle junta um raro poder de deduzir, de desfiar, de subtilmente desfiar, e de ligar depois os fios subtis n'uma trama miuda e resistente que, quando combate, se torna aquella rêde de ferro com que os gladiadores no Circo immobilisavam para a morte os contendores — e, quando sollicita ou propaga, aquella doce rêde de seda aconselhada pelos Santos Padres para docemente pescar as almas... A todas estas superiores potencias junta a potente paciencia de esquadrihar os textos, desenterrar os documentos, amontoar os exemplos, percorrer toda a Historia e toda a Natureza para recolher um facto, um precedente, uma analogia — de sorte que a sua Logica, bem armada e destra, sempre combate sobre uma massiça, formidavel muralha de Prova. E, em todo este esforço, ajudado por uma memoria de prodigiosa diligencia e segurança. Ora a Memoria é a decima Musa — ou talvez a mãe das Musas.

A sua maneira de utilizar estes dons, o seu Estylo, é o melhor, o mais adequado a um Publicista — e participa superiormente da natureza d'esses dons. É limpo, transparente, secco, quasi nú, sem roupagens roçagantes e bordadas que lhe embarcem a carreira destra ou deformem as linhas puras do raciocinio. Não ha n'elle mollezas, repousos, tendencias a vaguear e a scismar — mas sempre o mesmo impeto elastico o anima e arremessa. Ainda menos tenta essas fugas vistosas, de foguete que estala nos ares — cuidadoso em nunca perder o solo macisso da Realidade que a todos, como a Anteo, communica força invencivel: e quando por vezes attinge a essa plenitude e abundancia sonóra que se chama a Eloquen-

cia, é por que inesperadamente o exaltou a grandeza da verdade entrevista, um arranque generoso de indignação, alguma brusca emoção da piedade, ou aquella segura proximidade do triumpho que solta todo o som aos clarins. Dentro d'um tal estylo toda a expressão cabe, por que a sua ductilidade se presta tanto á grossa risada como ao soluço lyrico. E Eduardo Prado para tudo o faz servir: luctando ou doutrinando, segundo a necessidade da causa santa, elle emprega a ironia alada, o sarcasmo estridente, a predica cathedratice e de toga, a murmuração familiar em chinellos, a rapida e remexida rebusca dos factos, e mesmo a compassada e ponderosa procissão das theorias.

A este estylo falta naturalmente aquella luminosa e ondulosa harmonia que os Gregos amavam e chamavam *Enrythmia*. Por que? Por que todos os seus livros são guerras — e elle, intellectualmente, um guerrilheiro. Logo desde a primeira pagina, ao primeiro fremito, as ideas alçam o seu pendão, as ironias despedem a sua flexa, os argumentos brandem a sua clava, as citações clamam, as cifras silvam — e na pressa e excitação da lide tudo rompe, um pouco tumultuariamente, n'um arranque para avante, contra a cousa detestada que urge demolir!... E mesmo quando em dias de paz, recolhido e quasi ajoelhado, glorifica, como na Apologia do Padre Anchieta, ainda alguma confusão se estabelece no seu estylo — mas docemente alvoroçada e enternecida, como a de turba piedosa que se empurra para um altar amado. É que os seus livros são sempre actos intensamente vivos — ora uma hoste em marcha, ora um povo em prece.

Não contei, depois de tanto contar, o seu mais captivante dom — o seu espirito de sociabilidade. Eduardo Prado é uma alma superiormente sociavel. E de certo esta superioridade resalta com brilho inegavel de sol, pois que os amigos, os indifferentes, os que o praticam desde longos annos, os que o conheceram durante uma curta tarde, os que elle favoreceu, os que elle despeitou, os que só d'elle colheram carinho, os que só d'elle receberam sarcasmo, todos se juntam para affirmar que — pela innata alegria, pela vivacidade inventiva, pela veia ricamente comica, pela abundancia e delicioso humorismo da Anecdota, pela simplicidade que se puerilisa permanecendo fina, pelo elegante desdem da ostentação, pela bem-dita facilidade em se interessar, pela promptidão do enthusiasmo, pela intelligente mansidão, pelo apêgo affectivo, não ha mais desejavel companheiro! Meu Deus! Bem sei que tal elogio se tem gravado sob a imagem de muitos illustres malfeitores. Mas vêde! A qualidade sociavel, que merecera o louvor, esbateu, recuou para um piedoso esquecimento os maleficios illustres, e só ella ficou gravada e lembrada. É que as grandes virtudes, como nos ensinou Platão, são para os grandes dias — e uma doce sociabilidade serve para todos os pequenos dias, n'este nosso pequeno mundo, e de cada dia pequeno faz uma larga doçura.

Eis aqui pois um Brasileiro, singularmente interessante, que na verdade honra o Brazil. E eu, meramente arrolando, sem as estudar, algumas das qualidades doces ou fortes que elle herdou da sua raça, e a que deu relevo e rebrilho todo seu, sinto a dupla felicidade de louvar, atravez de homem que tanto prezo, terra que tanto amo!

ÊÇA DE QUEIROZ.

BISMARCK

Se o intelligente director d'esta Revista me tivesse solicitado a escrever um artigo sobre Bismarck, quando ainda o chanceller de ferro vivia — como uma sombra já, mas como uma sombra que vive — no seu castello de Friedrichsruhe, atravez d'estas linhas resoaria um longo grito de colera e de insulto contra o homem sanguinario que incarnava o odio á França, minha segunda patria.

A morte porem, grande niveladora e grande apaziguadora, veio com a sua fouce eterna, abateu o gigante de ferro e de sangue e d'esse ferro e d'esse sangue só ficou uma poeira suja mas inofensiva no fundo de um triplo caixão de chumbo, de estanho e de carvalho.

Perante a morte os maiores rancores e os mais justos ressentimentos apagam-se, como uma labareda que se abafe com terra.

Por isso serenamente e imparcialmente, nas breves linhas que vão seguir, tratarei de resumir a longa historia do principe de Bismarck, fundador do imperio d'Allemanha.

Otto de Bismarck nasceu em Schœnhausen, provincia de Brandebourg na Prussia, no dia 1º de Abril de 1815.

Descendente de cavalleiros terriveis e independentes cuja nobreza nascera da usura de um algibebe de Nuremberg e que crãm vassallos e rivaes

dos Hohenzollern, Bismarck mostrou desde creança um character voluntario e cruel, de uma energia e desinvoltura que faziam o espanto e o terror dos seus pacificos conterraneos.

Na universidade de Gœttingue, onde foi estudante, continuou os seus disturbios, e as violentas polemicas que teve obrigaram-no a bater-se em duello vinte e oito vezes durante os dezoito mezes que frequentou o curso. Mau estudante, passando todo o seu tempo nos cafés e cervejarias, fez maus exames e terminou com difficuldade o curso. Ninguem decerto diria n'essa epocha que Otto de Bismarck seria um dia o maior vulto do imperio ger-

manico. Ao seu character brutal e á sua organisação de colosso convinha decerto mais a vida de soldado e em 1828, nos carabineiros da guarda prussiana, a sua figura destacava-se já, impassivel e forte, como mais tarde na avanguarda da campanha de 1870. A disciplina militar, porem, de que elle foi, quando chanceller, o inflexivel executor, não podia subjugar a feição independente do seu character, e á primeira observação de um dos seus chefes deu a demissão e veio administrar as terras do dominio paterno. Pouco tempo durou porem este ensaio de proprietario agricola. O seu sangue irrequieto e a teimosia da sua vontade, propensa ás assanhadas polemicas em que o braço corroborava o cerebro, atrophiavam-se na tranquillidade da vida da natureza impassivel ante a colera dos homens.

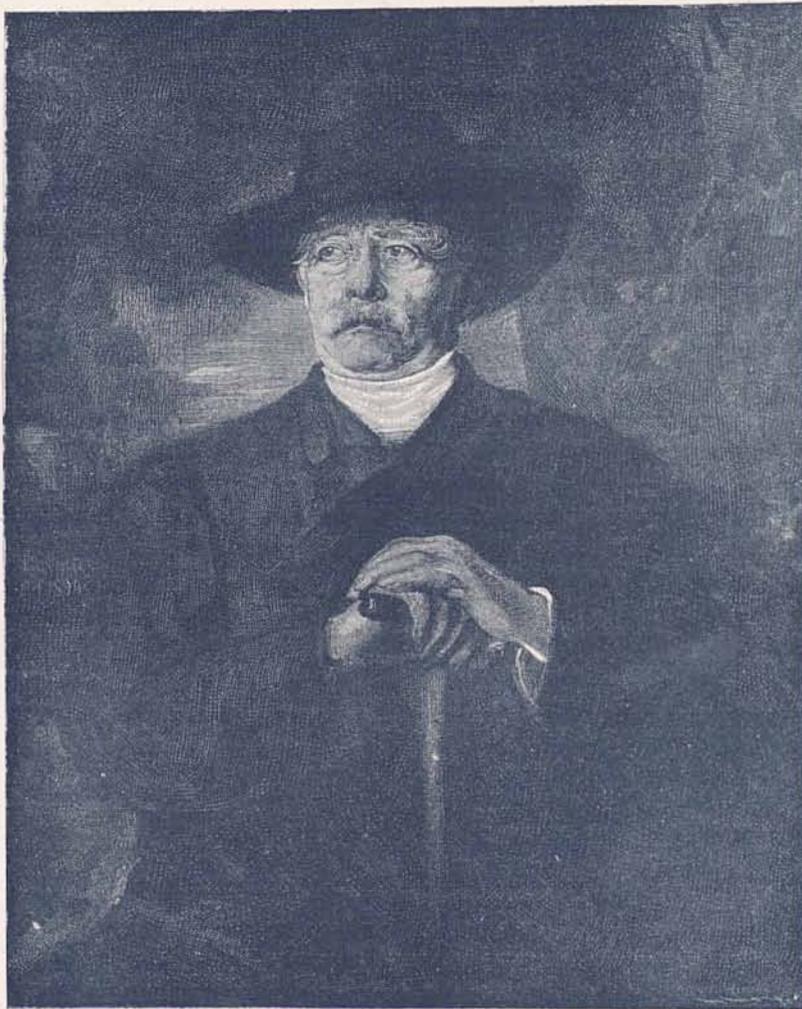
Por isso Otto de Bismarck, do seu retiro campestre, não descuurava as influencias politicas que a sua familia nobre e rica tinha na provincia e já com o metodo, e tenacidade, que foram as dominantes do seu character, procurava o caminho politico que o levasse ás cumeadas do poder.

Esse caminho começou na Dieta prussiana, para onde fôra nomeado deputado supplente e aonde com vehemencia advogou a causa do absolutismo de uma feição quasi feudal, contra

as aspirações dos liberaes que por essa epocha faziam valer os direitos do povo. « As grandes cidades — dizia elle então — deviam ser arrazadas como fôcos de revoluções » Um adversario rira da disparatada violencia do conselho; á noite, n'um botequim, Bismarck esmigalhou-lhe um pesado copo de cerveja na cabeça.

A phrase e o acto definem o homem. Da Dieta, Bismarck passou para a Camara como deputado de Brandebourg e ahi fundou um grupo politico reaccionario tendo por divisa: *Com Deus, pelo rei e pela patria.*

Bismarck estava definitivamente no seu elemento e



Retrato de Bismarck pelo celebre pintor Franz von Lenbach.



Gabinete de trabalho de Bismarck, em Friedrichsruhe.

agora para subir e dominar bastava a sua vontade de ferro. Antes de começar a lucta, porem, como homem pratico, Bismarck cazou. Sua mulher Johanna von Puttkamer deu-lhe trez filhos: Herbert e Guilherme e uma filha Maria, hoje Condessa de Rantzau.

Em 1851 Bismarck encetou a carreira diplomatica e desde logo traçou o seu programma de estadista, programma que preparou e desenvolveu em numerosos artigos em varios jornaes e especialmente na *Gazetta da Cruz*.

Este programma podia-se intitular: *Unificação da Alemanha em proveito da Prussia* e devider-se em varios capitulos: 1º Vencer a Austria e tomar-lhe a supremacia sobre os estados allemães do norte. 2º Vencer a França e fazer assim com que os estados germanicos do sul se lançassem nos braços victoriosos da Prussia. 3º Proclamar Guilherme I imperador da Alemanha.

Sabe-se como Bismarck cumpriu este programma.

É justo porem dizer-se que não só á sua intelligente vontade cabe a gloria de uma tal empreza mas que os homens e os acontecimentos serviram poderosamente, como veremos, os designios do estadista.

« *Primeiro a Austria sem a França; depois a França sem a Austria*, dizia Bismarck; e por isso, a começo mostrou-se um amigo da França. Em 1855 veio a Paris e foi magnificamente recebido nas Tuileries, todas resplandecentes de luzes e flôres em honra da rainha Victoria. N'esse tempo fallava-se muito de uma alliança entre a França e a Prussia, e os ditos de Bismarck rudes, sem cerimonia, de uma franqueza que frisava a brutalidade, fizeram o regalo da côrte.

Foi este mesmo ar bonacheirão e rustico que fez o seu successo em Francfort, e depois mais tarde na côrte da Russia, aonde ficou a aborrecer-se prodigiosamente durante trez annos, até que o novo imperador Guilherme I admirador das suas qualidades de homem de acção o mandou de novo a Paris mas d'esta vez como embaixador.

teria a coragem de affrontar o parlamento a imprensa e o povo. Esse homem era Bismarck. Guilherme I chamou-o a Berlim e fel-o presidente de conselho.

Logo pela primeira vez que se apresentou ao par-



Bismarck em 1834.

lamento, Bismarck subiu á tribuna e lançou brutalmente a phrase celebre: « *As questões actuaes não podem resolver-se por meio de discussões parlamentares, têm que decidir-se pelo ferro e pelo sangue*. O parlamento riu-se da ameaça e recusou os creditos, Bismarck desprezou o

parlamento e levantou os fundos necessários; a imprensa gritou, Bismarck supprimiu a liberdade de imprensa.

O *chanceler de ferro* começava a fazer sentir o peso do seu braço, que desde então o rei Guilherme fazia o seu braço direito, aquelle que ia em breve empunhar a espada e que mais tarde lhe poria sobre a cabeça a corôa de imperador.

O pretexto para a guerra com a Austria nasceu da guerra que esta nação e a Prussia tinham feito em commum, á Dinamarca e da famosa *questão dos Ducados* questão de tal modo complicada que lord Palmerston quando fallava d'ella dizia. « Só trez pessoas souberam e comprehenderam esta questão: o principe Alberto, que morreu;

fé e a ingenuidade de Napoleão III. Esta ingenuidade foi até ao ponto de favorecer a alliança entre a Prussia e a Italia. Que mais queria Bismarck?

Não podia haver melhor occasião para executar a primeira parte do seu programma, e como homem que não deixa perder as boas occasiões mobilisa o exercito prussiano e a 14 de Junho de 1866 declara a guerra á Austria. Sabe-se o que foi esta guerra e como depois de uma serie de victorias prussianas, das quaes a mais brilhante foi a de Sadowa, a Austria forçada a pedir um armistício, abandonou, pelo tratado de Praga, a supremacia sobre os estados germanicos do norte, que formaram a primeira confederação allemã em torno da Prussia vencedôra.



Dr. Chrysanter. Sir Lindow. Conde Guilherme de Bismarck. Dr. Schweininger. Condessa Herbert de Bismarck. Pintor Von Leubach.
Filhos do Conde de Rantzau. M^{me} Lenbach. Condessa Rantzau. Princesa de Bismarck. Principe de Bismarck.
Conde de Rantzau. Conde Herbert de Bismarck. Uma reunião em Friedrichsruhe.

um homem de estado Dinamarquez que ficou louco e eu que já a esqueci. »

Bismarck antes de fazer envadir o estado de Holstein e de promover pelos seus emissarios a insurreição hungara, veio de novo a Pariz e abertamente fallou de uma alliança com a França. Ao embaixador francez em Berlim, M. Benedetti, promettia amigavelmente o rei Guilherme largas concessões: a aquisição do Luxemburgo por exemplo, e até a conquista da Belgica *esse ninho de demagogia* como dizia Bismarck. Napoleão III deixava-se emballar pelas promessas do chanceler e o povo frances, influenciado por escriptores de merito, seguia o imperador na sua sympathia pela Prussia cujas victorias, como affirmava Bismarck só poderiam aproveitar á França sua futura alliada.

Á habilidade de Bismarck, só podia compararse a boa

Bismarck, que partira para esta campanha odiado e desprezado pela povo, voltou em triumphador. Jogador feliz e audacioso, o chanceler bem sabia que a cartada era terrível mas decisiva, e depois da victoria de Sadowa como alguém lhe perguntasse o que ella faria se tivesse perdido respondeu: — « Daria um tiro nos miolos. »

* * *

A partir d'esta epocha a sua grande influencia de estadista e a sua astucia de diplomata convergiram sobre a França. Por um serviço de espionagem habilmente dirigido, o chanceler sabia em que estado lastimavel se achava a defeza d'este paiz. Relatorios circunstanciados expunham-lhe a desordem que reinava no estado-maior do exercito, a pobreza da administração, a



Castello e parque de Friedrichsruhe.

inferioridade do armamento a falta de organização e de disciplina.

Elle propria vira de perto e por assim dizer na intimidade o que valia Napoleão III e a sua côrte, e descobrira quanta fraqueza e incapacidade se escondia sob a apparencia vistosa do imperador.

Por outro lado o rei Guilherme e os seus generaes organisavam o exercito prussiano, que a campanha d'Austria adestrara e enriquecera. Moltke ja em 1867 dizia. — « Porque é que não invadimos a França, porque é que não a surprehendemos e esmagamos? »

O pretexto que, n'essa occasião, era a questão do Luxemburgo não parecia sufficiente a Bismarck, que queria decerto a guerra com a França mas que esperava levar esta nação a assumir a responsabilidade do rompimento.

Pacientemos — dizia elle — e preparemo-nos.

Esta preparação durou trez annos, durante os quaes o governo francez parecia ignorar o que se tramava em Berlim, todo absorvido pelas questões de politica interior.

Em Janeiro de 1870 a questão da successão ao throno de Hespanha vago desde a revolução de 1868, tomou subitamente um caracter grave. Bismarck, com a sua grande perspicacia, tinha-se entendido secretamente com alguns homens de influencia em Hespanha e principalmente com o marechal Prim, para que esta successão fosse dada a um principe da familia dos Hohenzollern. As negociações tinham-se adeantado no maior segredo, e Bismarck a aconselhava principalmente que se evitasse qualquer indiscreção que pudesse despertar as reclamações francezas. Prim devia preparar a opinião espanhola sem deixar contudo per-

ceber a influencia da Prussia n'este acto, que uma vez consumado seria de uma vantagem incontestavel para os interesses germanicos sobretudo porque cercaria a França de inimigos mesmo do lado dos Pyrenéos.

O embaixador francez em Berlim teve porem conhecimento do facto e preveniu o imperador, que, por telegrammas entre as embaixadas do dois paizes, pediu uma explicação acerca d'este incidente e ordenou ao ministro Benedetti que fosse directamente ter com o rei Guilherme que estava então em Ems.

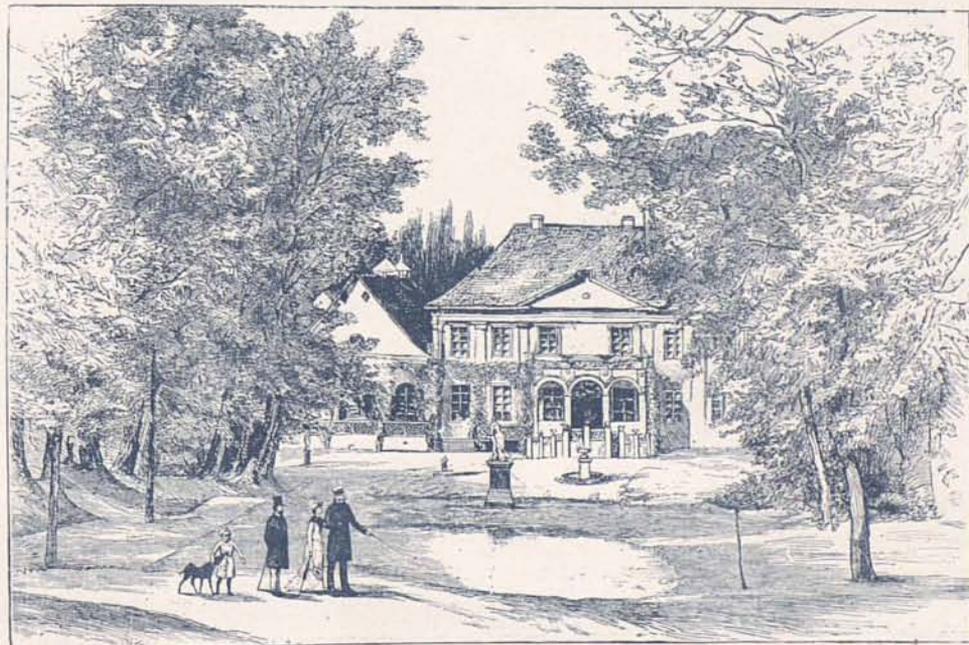
Bismarck não perdia é claro uma só occasião de complicar e agravar a questão, onde já enxergara um optimo pretexto para a guerra e diariamente as suas conferencias com Moltke preparavam e adeantavam o plano de ataque e invasão do imperio francez.

O Rei Guilherme porem mais commedido e timorato ouvia attentamente o embaixador de Napoleão III, affirmava que a candidatura do principe Leopoldo não era de modo nenhum proposta pela Prussia e declarava por fim que, n'esse momento, elle reprovava essa candidatura á qual não daria o seu assentimento.

De resto o principe Leopoldo renunciava por seu lado officialmente ao throno de Hespanha. A França obtivera pois plena satisfacção n'este conflicto e tudo parecia conjurado.

A inepcia e a insistencia de Benedetti iam porem servir admiravelmente os designios de Bismarck.

Por ordem de Napoleão o embaixador, forte de um primeiro triumpho, volta de novo á carga: — Guilherme I



A residencia de Bismarck em Varzin.



Bismarck plantando um carvalho no seu parque de Friedrichsruhe.



Bismarck em 1889.

tinha fallado do presente e a França desejaria que oficialmente Sua Majestade declarasse tambem que em qualquer epocha que um principe da familia dos Hohenzollern se apresentasse ao throno de Hespanha o rei da Prussia desaprovava e impediria essa candidatura.

A exigencia era demasiada e inconveniente Guilherme I recusou-se é claro a fazer tal promessa mas de um modo diplomatico e cortez.

O telegramma official, que de Ems o rei da Prussia enviara a Berlim dando conta dos resultados das suas entrevistas com o embaixador, era de uma grande correção e tinha até uma certa cordialidade.

Bismarck jantava com Moltke e com o marechal Alberto de Roon quando recebeu esse telegramma. A questão tomava evidentemente uma feição pacifica. Bismarck — como elle proprio o declarou mais tarde — vendo todo o seu plano desabar teve um rasgo de suprema e criminosa audacia. Enquanto os seus convivas continuavam á mesa, o chanceller pega n'um lapis e serenamente, friamente, com a consciencia do terrivel acto que ia commetter, risca aqui e alem algumas palavras dá assim ao telegramma um caracter aggressivo e insultante. Depois manda-o copiar e transmittir sem demora a todos os jornaes do imperio e alegremente acaba o jantar interrompido.

O telegramma do Guilherme, falsificado assim por Bismarck, dizia que perante as insistencias do embaixador francez o rei da Prussia tinha-se recusado a receber-o de futuro.

O effeito foi prodigioso em França e na Allemanha

e teve como resultado a immediata declaração de guerra.

Ninguem ignora o resultado da campanha de 1870.

Bismarck victorioso arrancou á França trahida a Alsacia, a Lorena e a pesada indemnisação de guerra que elle julgava arruinaria para sempre este paiz.

Como prevera o chanceller os estados germanicos do sul não tardaram a adherir á nova confederação, que Bismarck justamente e altivamente intitidou Imperio d'Allemanha.

A grande obra do chanceller estava feita, e o creador d'esta nação que ia pezar sobre o mundo com todo o pezo dos seus formidaveis canhesõ, podia orgulhosamente lançar, atravez da floresta de bayonetas que o cercava, o grito que fez gelar o coração dos povos adormecidos: *La force prime le droit*.

Bismarck chegara ao apogeu. O rei, que elle coroara imperador, dera-lhe o titulo de principe e cobrira-o de honras, em torno todo um povo em festa aclamava o seu nome glorioso, e a nação poderosa que era a sua obra, apparecia já como a mais forte organisação de guerra de todo o Universo.

Depois das festas de Berlim, Bismarck devia ter-se retirado ao seu dominio de Friedrichsruhe e de lá, no isolamento que mais engrandeceria a sua grande figura, assistir á administração interna do imperio, dar o seu conselho nas occasiões difficeis ou graves, mas deixar a outros a tarefa ingrata das questões politicas.

Bismarck porem quiz continuar a lucta e a sua vigorosa energia, que já agora não podia estender-se para alem das fronteiras, gastou-se inutilmente contra a igreja catholica e contra o socialismo revolucionario e veio



Bismarck e Guilherme II. — A reconciliação.



O retiro favorito de Bismarck em Varzin.

esbarrar por fim na vontade de Guilherme II. A carreira do chanceler terminara.

O netto do grande Guilherme, d'aquelle que o seu braço fizera imperador emancipava-se da sua pezada tutela. Dos velhos louros que cingiam a sua fronte encanecida arrancava o jovem monarcha os rebentos novos e com elles se coroava.

Bismarck, reagira a começo; depois, como os annos pezavam sobre o seu orgulho, resignou-se ao exilio. A um jornalista inglez que o fora visitara Friedrichsruhe e que lhe perguntara qual era agora a sua ambição, respondeu Bismarck : *Ter um bom epitaphio*. O homem que

nações fará de Bismarck o maior vulto da segunda metade do seculo XIX e o collocará talvez ao lado de Napoleão.

A historia da humanidade, porem, que ainda não existe em compendios officiaes mas que anda escripta na memoria soffredora dos povos, affastará com horror a lembrança do chanceler de *ferro e de sangue* e só achará para inscrever nas suas ephemerides, ao lado d'este nome sinistro, a qualidade insignificante que Bismarck, talvez n'um supremo vislumbre de justiça, mandou inscrever no seu epitaphio :

PRINCIPE DE BISMARCK

Fiel servidor do imperador Guilherme I

LUIS SERRA.

Matilde Serao

AOBRA de Matilde Serao, já consideravel e extremamente variada, tem por caracter principal a vida, uma vida intensa que anima os seus romances, seus artigos e suas novellas. A Sen^{ra} Seráo pertenceu a principio á escola *verista* nascida na Italia da influencia da escola naturalista franceza mas n'essa epocha ella já misturava nas suas creações romanticas uma grande parte de ideal, que não era um dos seus menores encantos, com a vivacidade e o natural dos seus dialogos, fazendo assim prever a evolução que devia produzir-se no seu talento. Hoje ella procura em companhia de Fogazzaro e outros, suscitar um movimento de reacção idealista na litteratura italiana. Assim tem ella publicado ultimamente uma serie de artigos que foram traduzidos para o francez sob o titulo de *Chevaliers de l'esprit* e tambem uma narrativa de viagem a Jerusalem intitulada *Na Terra do Christo*. Quando Matilde Serao ainda bem moça começou a sua carreira de romancista, o jornalista Scarfoglio criticou severamente as incorrecções do seu

ella com muito espirito era a primeira a reconhecer.

Para os que no futuro tiverem a intenção de criticar senhoras litteratas é de toda a conveniencia saberem que o resultado immediato dos artigos do critico Scarfoglio foi o seu casamento com a escriptora italiana, e hoje ambos dirigem em Napoles o grande jornal diario *IL MATTINO* ao qual está tambem annexado *IL MATTINO LITTERARIO*.

A Sen^{ra} Serao é uma conferencista brilhante, dirige a parte politica do seu jornal com muita habilidade e defende com dedicação os interesses do povo de Napoles que ella sinceramente estima e que lhe corresponde por um verdadeiro culto. Ella ainda encontra tempo de ser uma senhora de sociedade completa, mãe de familia exemplar e dedicada á educação dos seus quatro filhos. O modo pelo qual á notavel escriptora italiana desempenha tantos cargos de importancia e responsabilidade, seria um bello argumento em favor da causa feminista se a distincta novellista não fosse em meio da grande legião do seu sexo uma bem rara excepção.



Matilde Serao.

estyllo, o que da grande legião

COMEDIA

Guido apresentava n'aquelle dia o aspecto de um homem verdadeiramente feliz : a fronte serena, os olhos e os labios ridentes, o andar desembaraçado. Voltava elle de um banquete politico — pois a palavra jantar é, n'este caso, por demais vulgar — onde á sobremesa havia minuciosamente elucidado o seu programma aos eleitores. O lauto *menu*, o champagne e o programma tinham analogamente agradado... A eleição estava, portanto, garantida.

Á noite, iria Guido a um baile, em que, sem duvida, encontraria a Baroneza Estephania, a cruel Baroneza, que, havia um mez, tão ardente amor lhe despertava. Um pretexto se offereceria para commover o coração da elegante titular. Guido contava para isso com a misericórdia divina, e entrava em casa, a fim de repousar uma hora, como Napoleão, o Grande, na vespera de uma batalha, quando José, o velho e fiel creado, ao abrir-lhe a porta, revelou no semblante o desejo de dizer-lhe alguma cousa.

— Que ha? perguntou o homem politico, habituado á physionomia expressiva do seu antigo servidor.

— Queira desculpar-me... eu...

— Que ha? repetiu Guido.

— Recorda-se o Sr. do dia de hoje?

— Não, José.

— É seu anniversario.

— Ah! murmurou o candidato, cuja fronte se anuviou.

— N'outros tempos a casa se enchia de flôres...

— Sim, n'outros tempos, observou Guido, com tristeza.

— Hoje apenas um modesto ramo... disse o velho creado, mostrando um grande bouquet, que occultára atraz de alguns objectos sobre a mesa do salão.

— E quem m'o enviou?

Mas Guido, fitando o semblante humilde e sorridente de José, de subito comprehendeu.

— Foste tu?

— Queira perdoar-me a ousadia...

— Agradeço-te; fazem-me verdadeiro prazer essas rosas.

E o candidato ás eleições de Roccannuccia e ao coração da Baroneza Estephania sentou-se emocionado, ao pensar que no dia de seus annos só ao seu creado acudiria a idéa graciosa de offerecer-lhe um ramo de flôres.

Sua emoção fôra rapida, porque, antes de tudo, Guido era « um homem de espirito », e quem pertence a essa restricta e honrosa classe de personalidades, tem o direito de commover-se algumas raras vezes, porém deve fazel-o rapidamente, sem demonstrações externas, de modo que á lagrima contida bem depressa succeda o sorriso franco.

— Vou dormir um pouco. Acordar-me-has ás sete e meia.

— Talvez fosse melhor não dormir...

— Porque, sabio José?

— Porque esta manhã veio aqui uma senhora, a quem Jeronymo declarou que o patrão se achava ausente. Voltarei esta tarde, ás seis horas, respondeu ella; diga ao Sr. Guido que preciso fallar-lhe sobre um assumpto de muita importancia.

— Deixou o seu cartão?

— Não quiz.

— Quem será essa andorinha peregrina? Não te deu Jeronymo alguma informação?

— Disse-me apenas que era alta, joven, morena e elegante.

— Tanto melhor. Estou curioso por saber quem seja. E achas, então, meu bom José, que por causa d'essa bella incognita não tenho o direito de dormir um pouco?

— Tomo a liberdade de lembrar-lhe que são seis horas. Se ella fôr pontual...

— Pois bem, façamos um sacrificio em favor da graciosa desconhecida. Dá-me os jornaes. Lerei as novidades do dia, enquanto a espero. Alta e morena... pensava Guido... Não pôde ser Estephania, a menos que não tenha mudado, graças ao artificio, a brilhante côr loura dos seus cabellos.

Não julgue o leitor que o candidato á Camara Legislativa era um D. João. Aos vinte annos, Guido fôra, effectivamente, um conquistador, porém um grande amor, ao qual dedicára todas as suas faculdades affectivas, muito modificára o seu character. Mas a felicidade anciosamente almejada se desfizera como um castello de cartas, e só para olvidar o passado, que tão dolorosas recordações lhe suggeria, simulava Guido divertir-se. Não se illuda o leitor : elle succumbia ao tedio.

José entrou na sala, visivelmente perturbado.

— Já veio? indagou o politico.

— Está no pequeno salão.

— Conheces?

— Não... isto é, eu... não a conheço, respondeu o creado, balbuciando.

Guido levantou-se, e á porta da sala se deteve um momento, a fim de contemplar a desconhecida, que, de pé, junto á mesa, folheava distrahidamente um album.

Na posição em que se achava, não podia ser facilmente analysada por Guido, o qual notou apenas a riqueza e o gosto de seu vestido preto, em que abundantes rendas sobresahiam.

— Minha senhora...

Ella voltou-se subitamente; Guido experimentou a sensação de um choque electrico, e, para occultar a sua perturbação profunda, inclinou-se respeitosamente.

— Não o venho incomodar? perguntou a visitante, sentando-se com desembaraço.

— Por fórma alguma; acho-me inteiramente á sua disposição.

— Tanto peor se essas palavras traduzem um simples cumprimento, porquanto estou prompta a aproveitar-me d'ellas.

— Aceito com satisfação as consequencias, replicou elle, com um leve sorriso.

Emma acariciou o seu *manchon*, enquanto procurava uma phrase que nitidamente exprimisse a sua idéa.

Guido fixava, fascinado, a creatura encantadora que tão ardentemente amára. Conservava ella o mesmo perfil puro e correcto, mas nas faces outr'ora pallidas o rubor imprimia um ligeiro tom roseo; os olhos vivos tinham agora uma expressão mais caracteristica. E no admiravel oval d'aquelle rosto angelico adivinhava-se a

passagem de lagrimas provocadas por intima e cruciante amargura.

— Representou alguma vez uma comedia? interrogou Emma.

— Oh! sempre.

— Vejo quanto foi ociosa a minha pergunta... Queira, pois, amanhã representar ainda. Advirto-lhe, porém, que o seu papel é sério e que o successo será, por isso, extremamente lisongeiro.

— Tudo depende dos actores e do publico.

— Representarei tambem...

— Conheço as suas habilitações...

— Na arte de simular?

— Não; na arte de recitar. Trata-se de um proverbio?

— Sim, mas a elle falta a moralidade dos dois ultimos versos. A moralidade, — apresso-me em dizer— encerra-se no objectivo da representação, porquanto se trata de uma obra de caridade.

— Sempre piedosa... Não comprehendo, porém, ainda...

— Vae claramente perceber. Diga-me antes de tudo: corresponde-se regularmente com meu pae?

— Sim; mas ha duas semanas que não tenho noticias suas.

— Escreveu-me hontem, annunciando-me a sua chegada a Milão, amanhã, pelo trem das dez e vinte.

Guido não occultou a sua surpresa.

— Amanhã?!

Emma fez um gesto affirmativo.

— É extraordinario!... Um homem que jamais viaja...

— Devendo ir a Napoles, onde pretende demorar-se, resolveu passar algumas horas em Milão, a fim de visitar...

— Sua filha.

— E seu filho, diz elle.

— De modo que...

— De modo que nós nos achamos em uma engraçada situação, continuou Emma.

— Engraçada?

— Digamos assim... Qual a solução que lhe parece mais acertada?

— Confesso que não sei.

— Admira-me que um homem politico, um homem de espirito não encontre um meio efficaz de conjurar um perigo. Que utilidade tem alcançado com a arte, que aprendeu, dos subtis subterfugios, das delicadas transformações, das phrases leaes e... diplomaticas? Pois bem, eu achei o remedio.

— Estava certo d'isso.

— Muito amavel o seu cumprimento. Eis a solução que proponho... Não querendo, por fórma alguma, que meu pae conheça a verdade...

— A triste verdade...

— O adjectivo é inutil... Não querendo proporcionar-lhe esse desgosto, que me causaria cruéis remorsos, estou disposta a empregar todos os meios para que elle nada saiba. Até hoje, graças aos nossos cuidados e ao facto de não ter elle relações n'esta cidade, a nossa situação lhe é desconhecida. Mas amanhã o bello edificio de piedosas mentiras cahirá, se não nos oppuzermos a isso. Conto, pois, com o seu auxilio. É preciso que meu pae nos encontre juntos, como nos deixou; é necessario

que uma phrase, um gesto lhe não revele as nossas condições. Eis o meu plano.

Tudo isso foi proferido com voz séria e grave, e serio é grave Guido escutára. Mas não respondeu logo: reflectia.

Emma impacientou-se.

— É, como vê, uma comedia; mas tratando-se de uma representação em beneficio, julgo poder esperar a sua adhesão.

— Parece-me inutil dizer que accedo á sua vontade. Não receia, entretanto, que qualquer palavra indiscreta destrúa o nosso plano?

— Quem pronunciará essa palavra?

— Os creados...

— Ao seu novo creado póde ser concedida, amanhã, uma licença de doze horas; quanto a José, nada temo.

— E se um amigo importuno vier visitar-me?

— Não é difficil ordenar a José que não receba ninguém.

— Supponhamos que alguém nos veja juntos, quando fôrmos á estação esperar seu pae...

— Ninguém nos verá, porquanto cautelosamente tomaremos o seu *coupé*.

— Seu pae, objectou ainda Guido, passará o dia n'esta casa; não receia que facilmente perceba elle que se acha na residencia de um homem... solteiro?

— Esta noite minha creada trará alguns livros meus, algumas musicas e pequenos objectos que constituirão verdadeiramente o scenario.

— Entretanto...

— Tem nova objecção a apresentar? O quarto se acha, talvez, transformado.

— Não; o quarto está intacto.

— Intacto? É por sentimentalidade romantica que o conserva assim?

— Não; é por um justo sentimento de respeito.

— Agradecida. Tem ainda outras objecções?

— Resta apenas a hypothese de illudirmos o estimavel Sr. Giorgianni.

— Relembrando passadas epochas, nós nos mostraremos affectuosos... Mas não serei egoista, tomando-lhe o tempo destinado, talvez, amanhã a algum passeio?

— Não. E se, por ventura, assim fosse, com muito prazer abandonaria qualquer projecto.

— Não se considere menos livre esta noite, pois não preciso de companhia.

— Não percebo...

— É justo. Esqueci-me de dizer-lhe que hoje durmo aqui, porquanto, esperando os meus vestidos e mais objectos que me pertencem, devo tudo pôr em ordem, de maneira que o aspecto exterior possa illudir meu pae. N'estas condições, convem que eu fique esta noite. Mas não modifique por isso os seus habitos, e queira até amanhã ás dez horas considerar-se independente.

— Era meu intento ir esta noite a um baile, mas se deseja que eu...

— Não, interrompeu Emma; que poderíamos nós dizer um ao outro?

— Peço, então, permissão para ausentar-me.

Emma inclinou-se, e Guido se retirou. Se, aparentemente, não revelava nenhuma perturbação, grande era a sua agitação interior, e no baile foi por diversas pessoas commentada a sua distracção. À baroneza Este-

phania, que lhe lançara olhares fulminantes, elle não concedêra um só momento de attenção; e aproveitando-se do movimento occasionado por uma quadrilha, quando os donos da casa, absorvidos, não o podiam vêr, Guido desceu as escadas, sem despedir-se.

Ao chegar aos seus aposentos, sentiu-se n'um ambiente novo, transformado, insolito. O grande salão, fechado desde muito tempo, fôra ventilado; nos quartos ardia o fogo, e nos armarios abertos rescendia o perfume subtil de violeta.

No pequeno salão um piano, que emmudecêra, mostrava os seus dentes de marfim, e uma música na estante revelava uma melodia interrompida; entre flôres novas nos vasos, Emma dispunha em ordem as estatuetas de Saxe.

Seria um sonho! Emma, em sua casa, após tres annos de ausencia!

— Boa-noite, disse Guido, atravessando a sala.

— Boa-noite, respondeu ella, sem distrahir-se da sua tarefa.

* * *

Devo declarar que, não obstante a originalidade dos acontecimentos e a despeito das apprehensões de Guido e de Emma, não houve, n'aquella casa, insomnias nem travesseiros banhados de lagrimas, na noite que precedeu á chegada do Sr. Giorgianni.

Emma estava firmemente persuadida de que a pequena comedia em nada modificaria o futuro, e Guido tinha, por seu turno, a mesma convicção. Conheciam-se muito bem e sabiam que circumstancia alguma poderia reunil-os.

Ao entrar no seu antigo aposento, julgou Emma penetrar n'um albergue; e Guido em seu quarto adormeceu após a leitura de tres paginas de Herbert Spencer, sem que eu pretenda com esta asserção calumniar o philosopho.

Era evidente que cousa alguma poderia unil-os de novo. Com o fim de se casarem, tinham commettido mil loucuras: Guido acompanhára Emma desde Florença até Napoles; passára as noites sob as suas janellas, e Emma, que lhe escrevia diariamente oito folhas de papel, contemplava da sacada o seu apaixonado trovador.

Seu pae, um pouco por vontade, um pouco força-lo, acabou por consentir no consorcio. Elle hesitára algum tempo em dar o seu assentimento, porque lhe era em extremo penoso afastar-se da filha; entretanto, temendo vê-la doente, consentiu no enlace.

Os dois esposos foram felizes durante tres breves annos. Não ousou affirmar que jamais houvesse surgido entre elles uma pequena discussão, porquanto eram ciumentos, principalmente Emma. Orgulhosa, extremada em seus sentimentos, ella não sabia amar ou odiar sem

excessos; Guido, no entanto, um pouco frio, com um sorriso ironico ao canto do labio, era o exemplo calmo de um character medio, alheio a grandes e violentos arrebatamentos.

Um dia, um acaso infeliz proporcionou ao genro do Sr. Giorgianni o encontro de uma bella florentina, a quem outr'ora elle dedicára um pouco do seu amor. Recordaram-se; e Guido, mais por fraqueza do que por sentimento, accedeu ao convite de uma entrevista. Como teve d'isso conhecimento a esposa ciosa? Foi um credo imprudente, uma amiga zelosa, uma carta desgarrada que a iniciou no terrivel mysterio? Nada se sabe, mas foi certamente uma prova decisiva e irrefutavel, porque



Tudo isso foi proferido com voz seria e grave; e serio e grave Guido escutara

todo o amor cego e ardente que consagrava ao marido, converteu-se n'um frio desprezo.

Não achou em favor d'elle uma desculpa, e sentindo-se ferida mortalmente no seu affecto e no seu orgulho de mulher feliz, annunciou, muito calma, ao marido que d'elle se separaria sem estrepito e sem scenas.

Elle surprehendeu-se; quiz reagir, sorriu, procurou atenuar a culpa; mas a esposa ultrajada lhe retorquiu com palavras altivas e severas, e elle calou-se, vencido. Pareceu-lhe ridiculo tentar inuteis justificações, accéitou todas as condições que lhe foram impostas e deixou-a partir, considerando-a indifferente e orgulhosa.

Á politica, aos amores e aos negocios pediu distrações; e assumindo um semblante sereno e sorridente, mostrou-se despreoccupado e sceptico. Mas só, em companhia de sua consciencia, sentia nitidamente que a sua vida fôra anniquilada.

Tornou a vêr a esposa duas ou tres vezes, de longe. Saudavam-se como duas pessoas que apenas se conhe-

cem. E enquanto ella, n'uma existencia solitaria, abandonava os espectaculos e as festas, elle procurava atordoar-se nos divertimentos de toda a sorte.

N'um ponto, entretanto, estavam plenamente de accordo : escreveriam ao pae, com a costumada frequencia, sem que nenhuma allusão fosse feita ao passado. Guido escrevia : « Emma está boa, envia-lhe lembranças e abraça a sua tia »; Emma, por seu turno, declarava epistolarmente : « Guido passa admiravelmente; muito occupado, não poderá acompanhar-me aos banhos de mar. »

Assim durava a felicidade do Sr. Giorgianni, presa a um subtil fio de seda.

Quando se tornaram a fallar, depois do dia da separação, estavam ambos muito perturbados. Para vir á casa do esposo, para vencer as suas hesitações e para tão jovial e tão despreoccupada se mostrar, precisára Emma dominar vehementemente o seu orgulho e invocar a cada instante o nome de seu pae, em favor de quem fazia tão grande sacrificio.

Entre elles se estabelecêra um dialogo cortez, obsequioso, sem referencias ao passado ou ao futuro; não tinha havido recriminações nem palavras menos amáveis. Seria assim o dia seguinte?

Sim, seria a mesma cousa, com um pouco mais de ficção, um pouco de espirito, e, calmos, não se trahiriam, sabendo occultar a inquietação n'um sorriso. Prefeririam uma série de inverdades officiosas, e reacompanhariam á estação o Sr. Giorgianni, separando-se após a despedida ao viajante.

Nenhuma idéa de reconciliação acudiria ao espirito de Guido, que jamais diria um palavra n'esse intuito, e Emma, inflexivel, nunca perdoaria.

Entretanto, cumpre dizer que nenhum d'elles tinha a alma tranquilla.

* * *

Acabavam de jantar. O Sr. Giorgianni sorria satisfeito e feliz, e os dois actores se esforçavam por sorrir igualmente. Mas tudo o que tão facil lhes parecêra na vespera, tornava-se agora difficil no momento da execução. Desde pela manhã, á chegada do pae que os unira no mesmo amplexo, eram forçados a chamar-se pelos nomes, a usar mutuamente de affectuosa polidez; e por uma recordação fugitiva do passado, Guido empallidecia e Emma corava, enquanto visível embaraço reinava entre elles.

Comquanto estivessem dispostos a tudo, no louvavel intento de illudir o Sr. Giorgianni, posto que tivessem previsto os equivocos que surgiriam e procurassem olvidar as suas proprias individualidades, a cada instante a realidade se manifestava, lançando a confusão nas suas almas. Inutilmente, procuravam, em summa, supprimir a consciencia.

Junte-se a isso o temor de que uma leve imprudencia inutilisasse todos os seus esforços, e o receio, embora ainda vago, mas persistente, de que aquella scena assim representada pudesse crear entre elles alguma cousa de novo e de inesperado.

Nas escadas, enquanto o Sr. Giorgianni subia á frente, Emma fitava o marido com um olhar significativo, que claramente interrogava assim :

- Como faremos durar a comedia até esta noite?
- Enquanto Guido respondia do mesmo modo :
- Auxiliemo-nos, pois o destino nos ajudar.

Mas em casa os perigos maiores e mais frequentes se tornaram. Giorgianni parecia deleitar-se em indagações penosas e em perguntas ingenuas, que perturbavam aquelles a quem eram endereçadas.

— Sim, dizia elle, estou muito contente d'este dia passado em companhia dos meus filhos. As cartas são excellentes, quando se está longe, mas eu prefiro as visitas, mesmo de poucas horas. Estás mais bella do que nunca, querida Emma. Não achas Guido?

— É o que sempre lhe digo, respondeu o marido, a sorrir.

— E o que tambem me escreve, accrescentou o sogro do candidato. O' minha filha, posso assegurar-te que teu marido continuamente se refere a ti em suas cartas. É um esposo modelo!

— Effectivamente, approvou Emma, em voz baixa.

Houve um momento de silencio. Guido inclinára a cabeça e contava, talvez, as flôres que ornavam a mesa. Mas o Sr. Giorgianni fallava sempre.

— A tia Isabel envia a ambos muitas lembranças. Sempre um pouco rabugenta, mas tão boa... Não se passa um dia sem que falle em ti, minha Emma.

— É uma excellente tia.

— Optima. Sabes o que me disse ella, quando parti? « Como seria grande o meu prazer, se me trouxesses a noticia de que Emma se dispõe, finalmente, a dar-me um novo sobrinho... »

Mas o Sr. Giorgianni, a despeito da sua natural sin-gleza, percebeu que commettêra uma imprudencia notou que a physionomia de Emma se anuviára, enquanto Guido torcia nervosamente o bigode.

— Tambem Rosalia, tua prima, replicou elle, mudando de assumpto, tem passado bem. Soffreu, porém, dissabores...

— Oh! porque? Não desposou ella o seu Pedro? disse Emma, com uma expressão ironica.

— Sim, sim, casaram-se; mas não sei como nem porque, Pedro teve um capricho por uma bella napolitana...

— Chama a isso capricho, meu pae?

— Foi um capricho passageiro; não sejas pessimista. Mas Rosalia muito sentiu... Prantos, scenas...

— Ah!

— Finalmente, retirou-se para a casa dos paes.

— Fez muito bem.

— Fez muito mal. Uma mulher não abandona, em caso algum, o seu marido. Em summa, eu, com a minha eloquencia, convenci a Rosalia de que devia perdoar.

— Oh! meu pae!

— E d'isso me ufano. O homem, minha filha, erra muitas vezes a despeito de sua vontade.

— E commoda esta moral, declarou Emma, empallidecendo.

— Era, entretanto, a moral de tua mãe, observou o Sr. Giorgianni.

— Como? Minha boa sogra aconselhava o perdão? indagou Guido com interesse.

— Certamente. Ella era indulgente e misericordiosa. Quem ama bem, costumava ella dizer, perdôa bem.

Ficaram todos pensativos. Giorgianni, para interromper o silencio, exclamou :

— Mostrem-me de novo os seus bellos aposentos, que muito vagamente pude vêr.

— Va mos, disse Guido; comecemos pelo salão.

— Magnifico! elogiou o pae de Emma. Presta-se a grandes recepções. Costumam dar festas?

— Davamos... antigamente.
 — Compreendo. Os negocios, a politica impedem que vejamos muita gente. Mas o salão é bellissimo. Foi, sem duvida, mobiliado por Emma...

— Não; foi Guido quem tudo escolheu.
 — Felicito-o. É aqui que te fazem a côrte, Emma? Não és ciumento, Guido?

— Não; conheço minha mulher.
 — E tu, minha filha?
 — Também não; conheço meu marido.

As duas respostas, proferidas sem hesitação, satisfizeram plenamente ao sr. Giorgianni.

— Este quarto é uma verdadeira maravilha...
 Mas o sogro de Guido percorria a peça, como se procurasse qualquer objecto. Emfim, chamando Emma, que se detivera á porta, perguntou:

— Onde se acha o retrato de tua mãe? Não o vejo.
 Ella ficou confusa; não lhe acudiu ao espirito uma explicação accetivel.

— Estivemos em Brianza, disse Guido, intervindo, e de lá não chegaram ainda todos os nossos objectos.

— O retrato devia ter vindo antes de tudo. É pena, Guido, que não tenhas conhecido aquella santa senhora! Ao morrer, obtive de mim a promessa de que eu empregaria todos os meios para a felicidade de Emma; assim, posso dizer que ella contribuiu para teu consorcio. Quando minha filha me declarou o seu amor, eu, certo de que realisavas o seu ideal, logo consenti. Recordas-te, Emma, do baile no consulado Inglez, aonde foste com Guido?

— Sim, lembro-me muito, respondeu ella, machinalmente.

— Na expressão de ambos via-se claramente que eram venturosos; todos comprehenderam que vocês eram noivos. Como se amavam! Desejemos que assim seja sempre.

— Desejemos, repetiu Emma.
 — E este quarto fechado... Para que serve?

Era o aposento de Guido, que por sua vez se achou embaraçado; Emma, porém, o salvou de sua situação.
 — É o quarto dos hospedes, meu pae.

— Aqui dormiria eu, se pudesse passar uma noite em Milão. Mas, infelizmente, devo partir.

— É pena! lamentou o genro.
 — Vejamos o quarto, já que não posso habital-o.
 — Mas...

— Compreendo; está desarranjado... Não façam ceremonias commigo.

Guido abriu corajosamente a porta; era impossivel hesitar mais.

— Porque se acha aqui o retrato de Emma? Foi, sem duvida, um gentil pensamento de Guido, a quem agradeço... Quanto me aborrece não poder ficar.

Sentaram-se no salão. Emma e o marido estavam distraídos, e se o Sr. Giorgianni fosse mais observador, teria percebido alguma cousa de anormal.

— É pena que vocês se vejamos forçados a deixar esta casa. Se Guido fôr eleito deputado, como é provavel, terá de passar seis mezes em Roma. Não creio que Emma fique só em Milão. Desejo muito, no entanto, que habitem a capital, pois assim poderei visital-os ao menos uma vez por mez, porquanto é curta a distancia de Napoles a Roma, ao passo que até aqui... Vêr-nos-hemos muitas vezes. Tanto melhor.

* * *

Quando os dois esposos tomaram o carro, depois de terem acompanhado o Sr. Giorgianni á estação; quando se acharam a sós, deram um grande suspiro allivio.

Estava finda a comedia. A vida ia retomar o seu curso. Não se fallavam. Emma fitava as gottas da chuva que batia nos vidros do *coupé*; Guido não articulava uma syllaba.

Eram, de novo, extranhos. Com o balanço do carro, Guido foi levemente impellido contra a esposa.

— Desculpe-me, balbuciou elle.
 — De nada.

Eram extranhos, com effeito. Entretanto, ambos n'aquelle silencio lembravam os factos do dia; recordavam as menores impressões e novamente as resentiam.

— Vae directamente para a sua casa? indagou o candidato, n'um certo ponto do caminho.

— Não. Vou primeiramente á sua residencia, a fim de reenviar os meus objectos, pois que minha creada não o saberia fazer. Partirei mais tarde.

Em casa, Emma entrou logo no seu quarto. Guido atirou-se n'uma poltrona do salão e simulou que lia um jornal; na verdade, percebia os passos lentos da esposa na peça contigua.

— Posso auxiliar-a? indagou.
 — Não; agradeço-lhe. Estou prestes a terminar.
 Com effeito, pouco após veio ella também sentar-se. Aquella longa e difficil comedia a tinha extremamente fatigado. Olhava em torno, a fim de certificar-se de que nada deixava.

— Chove menos, creio, disse a Guido, que abandonára a leitura.

— Chove sempre.
 — Não está prompto o carro?
 — Ignoro... Vou vêr.

E instantes depois, disse, ao entrar na sala:
 — O carro estará prompto dentro de dez minutos. Quer que eu a acompanhe?

— Não é necessario. Obrigada.
 Pareceram um seculo ou um instante, aquellas dez minutos? Uma e outra cousa, talvez.

Quando veio o creado annunciar que o *coupé* estava aparelhado, Emma ergueu-se delibetadamente e começou a collocar o chapéo em frente ao espelho. Mas os dedos lhe tremiam, e isso demorava a operação.

Depois, lentamente, calçou as luvas, abotoou-as, arranjou algumas prégas do vestido e adeantou-se em direcção a Guido, a fim de despedir-se.

Elle se levantára, muito pallido.
 — Adeus, murmurou ella.

Guido não respondeu. Ella atravessou o salão, altiva, sem vacillar, com passo firme; notava, porém, que o marido a seguia. Junto á porta, ia abril-a, quando o marido se apressou em fazel-o.

— Tu te esqueces de perdoar-me, Emma, disse elle com uma voz em que a dôr e a paixão se denunciavam.

Ella voltou-se de subito e lançou-lhe os braços ao pescoço, suffocada pelo amor que entre elles renascia mais forte do que nunca.

— Não partes mais... nunca mais?
 — Não... Pódes mandar buscar o retrato de minha mãe.

E a comedia teve assim um bom e inesperado desfecho.

A Guerra Hispano-Americana

A DESTRUIÇÃO da esquadra do Almirante Cervera causou, como era de esperar, uma viva emoção em toda a Hespanha. A guerra desigual que a America, pelas suas arrogancias, impozera á Hespanha, causava, um apoz outro, dois grandes desastres maritimos o de Cavita e o de Santiago, e se altivez indomavel do povo castelhano mais se engrandecia com o heroismo desesperado dos seus marinheiros n'esses dois memoraveis combates, a nação chorava em silencio a morte dos seus heroes e a destruição dos seus navios, sacrificados, aquelles e estes, á força inconsciente e bruta dos engenhos de guerra americanos.



D. Juan B. Lazaga
Commandante do « Oquendo ».



D. Victor M. Concas
Commandante do « Maria Thereza ».

Esta esquadra commandada pelo Almirante Watson ja apparelhada e aguarda apenas a ordem de partir.

Entretanto e cerco de Santiago continuava em Cuba, sem resultado. A esquadra aproximara-se da costa e tentara bombardear a cidade com os seus canhões de grande alcance, os projecteis porem não attingiam o alvo e não produziam effeito.

A lucta nas trincheiras era renhida, os americanos davem o assalto com bravura, mas esbarravam contra o invencivel desespero da guarnição da praça.

O general Shafter fez nova somação ao general Torral, dizendo-lhe que o seu esforço seria inutil e que se não capitulasse dezoito mil refugiados, que elle, general Shafter não podia sustentar, morreriam de fome.

O general Torral pediu então para telegraphar para Havana e para Madrid antes de tomar uma resolução.

As hostilidades cessaram por algum tempo.

N'um e noutro campo as privações e os soffrimentos eram horriveis. Os americanos eram atormentados pelo calor suffocante, molhados até aos ossos pelas pesadas



D. Antonio Eulate
Commandante do « Vizcaya ».

chuvas que não cessavam, e muitos d'elles caiam prostrados pelos ataques da febre paludosa frequente n'esta região. Alguns casos de febre amarella foram assignalados e causaram um grande panico. Aos hespanhoes alem de tudo isto faltavam mantimentos e munições. Resistindo durante dois mezes ao ataque dos ame-

Porem, nem uma só voz se ergueu para murmurar.

Antes de aceitar a guerra, o hespanhol meditara sobre a grande superioridade do adversario e de antemão se resignara á sorte d'esta lucta, que aceitara não como glorioso ensejo para o brilho de suas armas, mas como defeza á mão armada contra a cubiça da nação inimiga, que vinha ao assalto das suas colonias de alem-mar para as adquirir por violencia.



D. Emilio Dias Moreu
Commandante do « Cristobal Colon ».

Por isso quando os principacs jornaes da Europa, depois d'este novo desastre, pregaram a paz, aconselhando amigavelmente á Hespanha que abrisse as negociações n'este sentido, não nos causou espanto a serena e nobre coragem com que este grande paiz decidiu continuar a campanha cada vez mais desigual e mais cruel.

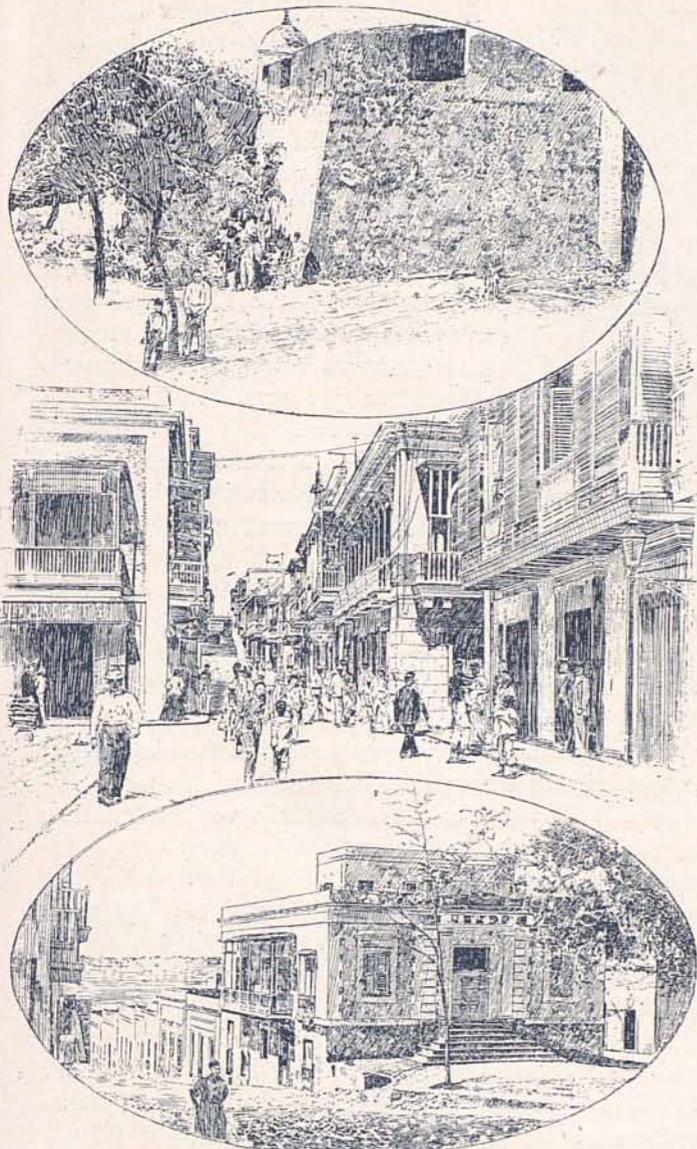
O presidente Mac-Kinley que esperava receber da Hespanha pedidos de paz que assim terminariam facilmente e gloriosamente a campanha dos Estados-

Unidos, vendo que estes pedidos não chegavam resolveu mandar reunir todos os melhores navios de que dis-

ricanos, não tendo podido receber nenhuma expedição enviada de Hespanha por causa de bloqueio rigoroso da



Cuba. A praça e o jardim publico em Cienfuegos.



Porto-Rico. 1. Velho forte. — 2. Rua central.
3. Typo de architectura indigena.

costa pelos navios americanos, não conseguindo também o marechal Blanco mandar-lhes socorros visto o extenso territorio que era forçoso atravessar e por ser a estação das chuvas, calcula-se em que estado deviam estar as suas defezas e em que desguarnecimento os seus arsenaes.



General Linarès.
Primeiro defensor de Santiago.

Por isso, á nova somação do general Shafter, respondeu o general Torral que estava prompto a capitular, se lhe fossem concedidas as honras da guerra, se as suas tropas podessem sair com armas e se fossem transportadas a Hespanha á custa dos Estados-Unidos.

Depois de muitos telegrammas trocados entre o general Shafter e o presidente Mac-Kinley, resolveu este aceitar as condições propostas pelo official hespanhol. Um acto de capitulação foi redigido segundo o qual a guarnição hespanhola, se rendia com as honras da guerra isto é — *sem que tivesse sido vencida* — e entregava

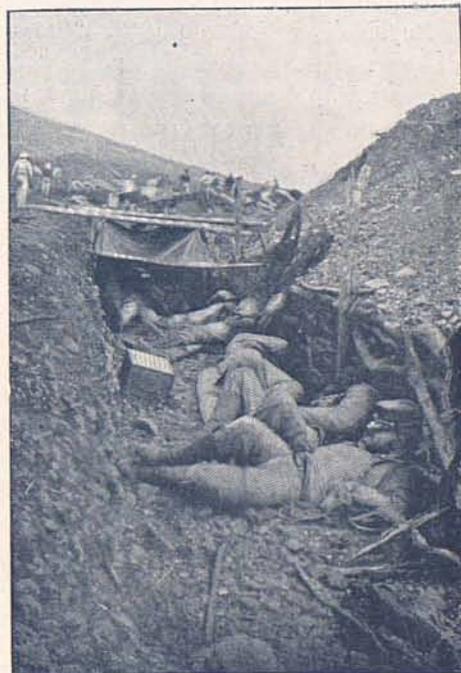
a praça de Santiago aos americanos. Logo que este acto foi lavrado, e que os parlamentares que o tinham redigido e assignado voltaram aos campos respectivos prepararam-se os soldados hespanhoes a sahir da cidade e no dia seguinte as 9 horas da manhã cerca de 6.000 homens commandados pelos seus officiaes e tendo á frente o Estado-Maior, atravessaram as linhas americanas que lhes apresentaram armas com a solemnidade e o respeito que mereciam os gloriosos vencidos. As tropas hespanholas foram depôr as armas n'um logar de antemão designado, e voltaram depois á cidade onde os refugiados famintos começavam a chegar.



General Toral.
Segundo defensor de Santiago.

Aqui vem a proposito contar um facto significativo, cujas consequencias serão talvez de grande importancia no decorrer da campanha.

Quando Santiago capitulou, os insurrectos commandados por Calixto Garcia, que tinham combatido ao lado dos americanos, pediram para tomar posse da cidade para a qual ja tinham nomeado um governador insurrecto chamado Castillo. A este pedido respondeu o general Shafter por uma recusa categorica e pela entrega da cidade aos funcionarios hespanhoes que d'antes a administravam. Como os insurrectos murmurassem e Calixto Garcia tivesse manifestado ao general americano o seu espanto por uma tal resolução, respondeu-lhe este que se os americanos combatiam contra os soldados de Hespanha nem por isso eram inimigos dos hespanhoes a



Trincheiras em volta Santiago.
Cadaveres de soldados hespanhoes.



Porto-Rico. A rua de Candelaria.

quem desejavam garantir as propriedades e existencias.

Compreende-se que semelhante resposta creasse um conflicto entre insurrectos e americanos, e que ella nos sugira o que desde o começo não deixamos de dizer, que esta guerra é uma guerra de conquista americana e que as sympathias yankes pelos insurrectos eram um pretexto que na primeira occasião os americanos deitariam fora.

O governo americano tratou ja com a companhia transatlantica hespanhola o transporte para Hespanha dos 6.000 soldados hespanhoes; e tambem não deixa de ser curioso o facto de ter sido esta companhia — que é hespanhola e que cedeu mesmo alguns dos seus navios ao governo hespanhol para serem armados em guerra — a preferida para o transporte das tropas de Santiago que vae custar aos Estados Unidos cerca de quinhentos mil dollars.

Depois da capitulação de Santiago, os americanos vendo que não podiam continuar as operações na ilha por ser a estação das chuvas e porque a febre amarella fizera o seu apparecimento resolveram atacar Porto-Rico.

A esquadra que bloqueava esta ilha foi reforçada por alguns navios que d'antes estavam nas aguas cubanas, e uma expedição commandada pelo general Milles partiu da America e conseguiu desembarcar sem resistencia em Ponce, porto desguarnecido da costa sul da ilha.

O general Macias commandante em chefe de Porto-Rico, logo que teve conhecimento do desembarque, concentrou todas as suas tropas nas alturas e desfiladeiros que guardam San Juan pelo lado da terra.

O general americano avança portanto sem encontrar resistencia até esse ponto onde se travará a batalha decisiva.

Em Manilha a situação continua a mesma, o valente e heroico general Augustini apesar de não ter recebido socorros da metropole, resiste aos ataques repetidos dos rebeldes e dos americanos cuja terceira expedição já desembarcou.

Pelos ultimos telegrammas sabe-se que não só o general Augustini tem conseguido defender Manilha, mais ainda por duas vezes, com uma audacia verdadeiramente hespanhola, tomou a offensiva e veio atacar o campo dos americanos, inflingindo-lhe grandes perdas.

Antes de terminar este artigo, lemos n'um telegramma official que a Hespanha começa as negociações de paz por intermedio de M. Cambon, embaixador de França nos Estados-Unidos.

Não sabemos qual seja o resultado d'essas negociações mas é certo que a Hespanha ficará sem Cuba, Porto-Rico e Philippinas — com que raiva e tristeza o dizemos!

N'um proximo artigo contaremos e apreciaremos as condições em que a paz foi estabelecida.

L. S.



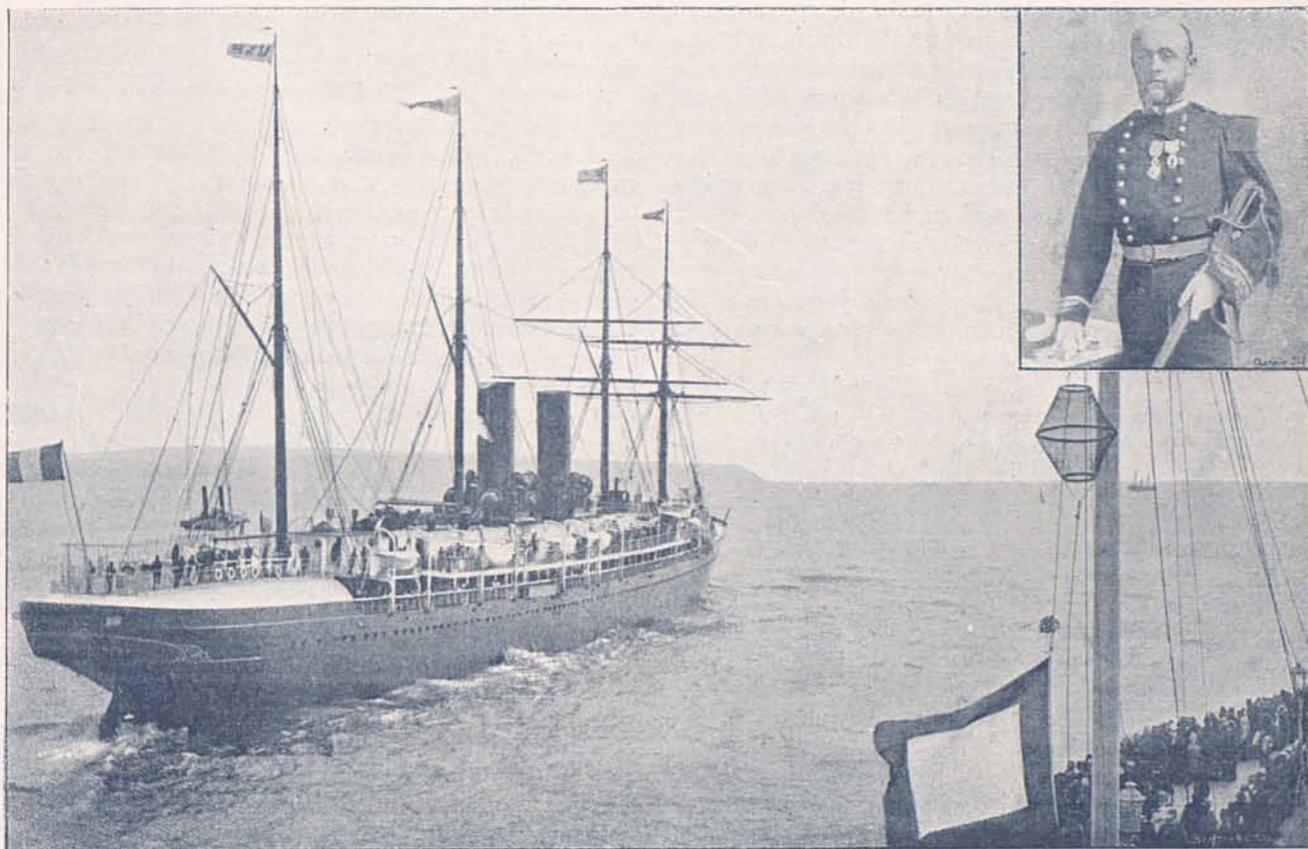
Cuba. O jardim tropical en Matanzas.

O Naufragio do paquete "La Bourgogne"

NAS nevoentas immediações da Ilha das Areias (Sable Island) a dois dias de distancia de New-York, navegava tranquillamente o transatlantico *La Bourgogne* quando pelas 5 da manhã do dia 4 de Julho foi inesperadamente abalroado por um navio inglez que o fez sossobrar em meia hora. Tinha a bordo oitocentas pessoas entre passageiros e tripulação e d'esse elevado numero só duzentas conseguiram salvar-se, tendo as outras seiscentas perecido tristemente em meio das mais tragicas circumstancias. De um dos felizes sobreviventes d'esse terrivel naufragio, ultimamente chegado a esta cidade, ouviu um dos nossos redactores a descripção detallhada d'essa pavorosa catastrophe, que fielmente reproduzimos aos nossos leitores.

a tribordo por um grande navio de velas e que o *La Bourgogne* seriamente avariado ameaçava ir a pique em poucos minutos. Com effeito pude ver que no tombadilho superior todos os camarotes de luxo e a sala das senhoras tinham sido arrancadas e atirados do lado opposto; mas o grande perigo consistia n'um enorme rombo, alguns palmos abaixo da linha de fluctuação e pelo qual o mar invadia o interior do paquete inundando a sala de jantar e os camarotes de primeira.

Vendo que o navio começava a inclinar, corri a buscar alguma roupa e um salva-vidas e uma vez preparado para o grande drama que ia se desenrolar, procurei em companhia de alguns passageiros ajudar a salvação. Bom nadador e habituado ao mar encarava, com bastante san-



O Transatlantico « La Bourgogne »
Sahindo do porto do Havre.

Capitão Deloncle
Commandante do la Bourgogne

« Partimos de New-York no dia dois de Julho com direcção ao Havre, com um carregamento completo e um grande numero de passageiros de todas as classes. No dia seguinte, tres de Julho, navegavamos com um bello tempo e a maior alegria reinava a bordo. Á noute o commandante mandou distribuir a cada passageiro durante o jantar uma pequena bandeira americana na qual estava impresso o nome do paquete; era essa bandeirola destinada a ornar a *boutonnière* d'aquelles que desejassem festejar no dia seguinte (quatro de Julho) a festa nacional da independencia americana. Mas, infelizmente essa festa devia ser bem triste pois ás cinco horas da madrugada fui despertado em sobresalto por um formidavel choque que abalou de pòpa a pròa o enorme transatlantico. De um salto precipitei-me da cama, e subi ao tombadilho, afim de saber o que tinha succedido. Um d'esses nevoeiros, tão fataes n'essas paragens, envolvia todo o vapor impedindo-nos de avistar o que quer que fosse a alguns metros de distancia. Soube immediatamente por um dos marinheiros que acabavamos de ser abalroados

que frio as consequencias da tragica lucta que iamos sustentar. Os gritos dilacerantes das senhoras agarradas aos filhos e maridos, quasi todas ellas em camisa, a loucura e o attropello dos homens desesperados em obter um meio garantido para salvarem-se, tornavam muito difficil as manobras necessarias para embarcar os passageiros e descer ao mar os botes salva-vidas. O commandante Deloncle no seu posto animava a todos, pedindo-lhes calma e coragem e ao mesmo tempo declarava que as bombas estavam funcionando e que o paquete teria tempo de chegar á Ilha das Areias, distante oitenta milhas e que todos se salvariam. Mas a multidão de passageiros a nada attendia e um pavoroso terror dominou a maioria dos espiritos dando lugar ás mais terriveis e inhumanas scenas. Homens, mulheres e creanças gritavam horrorisados; os primeiros offereciam tudo quanto possuíam para que os salvassem, e as mulheres de joelhos imploravam, debalde, a protecção dos mais fortes. Alguns sacerdotes davam tranquillamente a absolvição a muitos que de antemão desistiam da lucta e re-

signavam-se a morrer. Em companhia de alguns passageiros e tripulantes procurámos as baleeiras do Commandante, mas cruel decepção, ellas tinham sido esbandalhadas pelo navio que nos abordou. N'esse momento o *La Bourgogne* já estava de tal modo inclinado a tribordo que todas as minhas esperanças desvanceram-se e vendo que tudo estava perdido atirei-me resolutamente ao mar. A alguns metros de distancia, vinte individuos tripulavam uma baleeira; dirigi-me para ella e quando procurava alcançal-a vejo que um d'elles armado com uma enorme faca de cosinha defendia a quem quer que fosse de se approximar. Esses passageiros eram Hungaros e Austriacos que foram depois presos pelas autoridades de New-York, pois esses miseraveis que occupavam uma embarcação cuja lotação era de sessenta a setenta pessoas terão sempre sobre a consciencia a responsabilidade de cincoenta existencias humanas, ás quaes elles impediram com um cynismo feroz, o ultimo meio d'escapar a uma triste morte. Voltei então a procura de um outro bote e justamente n'esse momento acabavam de descer um ao mar, cheio de setenta pessoas; dirigi-me para elle, e um segundo depois que tinham-me recolhido, uma das grandes chaminés do paquete cae sobre nós, esmagando muitas pessoas e sossobrando a nossa embarcação. N'esse mesmo momento um ruido colossal, pavoroso, dominou toda a catastrophe, eram as invocações de desespero de seiscentas victimas, que com o grande paquete desapareciam para sempre, e era tambem a furia do oceano ainda mais revoltado pela deslocação enorme d'agua causada pelo desaparecimento de *La Bourgogne*.

Luctei durante muito tempo fazendo esforços sobrehumanos; e nadava continuamente entre os restos do navio e os cadaveres de passageiros. Em meio d'esse lugubre scenario o só levantou-se com toda a sua magestade, inundando com a sua luz poderosa o sinistro quadro. Um pobre naufrago agarra-se a mim e sou forçado a desfazer-me d'elle pois as minhas forças não eram sufficientes para dois, o desgraçado n'uma ultima convulsão desapareceu para sempre diante dos meus olhos. Agarrado a uma cadeira de bordo e tendo como remo uma vassoura, consegui alcançar um bote que estava virado e ao qual uma duzia de pessoas se agarravam boiando. Começou verdadeiramente n'essa occasião o nosso martyrio. As ondas arrancavam constantemente das nossas mãos essa ultima esperança de vida e a cada vagalhão que nos dispersava, um ou dois faltavam a chamada e os restantes voltavam de novo a agarrarem-se n'essa verdadeira taboa de salvação; e assim fiquei durante oito horas e dos doze passageiros que eramos, só restavam tres. Começava a sentir os primeiros effeitos d'essa longa e trabalhosa lucta e uma forte caimbra atacava-me a perna direita. Resignei-me a morrer e n'uma especie de allucinação invocava a lembrança de minha mulher e dos filhos. Um dos companheiros grita-me coragem, estamos salvos!... E n'uma especie de delirio mal pude ver uma embarcação tripulada por marinheiros de *La Bourgogne* que vinha em nosso auxilio. Era bem tempo, pois cinco minutos mais, já teria partido para outro mundo. Fomos recolhidos e transportados para bordo do navio que nos tinha abordado; ali soube que elle chamava-se *Cromatysshire*, de Glasgow; e que achava-se bastante avariado pelo abalroamento; mas conservando os seus compartimentos estancos intactos, não haveria perigo de um novo naufrago. Não podendo faser o menor movimento, fui içado a bordo por meio de cordas; onde aqueceram-me e deram-me alguns alimentos o que me permittio recuperar um pouco de forças. Eram justamente tres horas e tinhamos por conseguinte passado dez á mercê das vagas.

O *Cromatysshire* segundo o que nos disse o seu Capitão navegava a oito milhas por hora quando pelas cinco

da manhã, envolvido n'um denso nevoeiro, ouviu ao longe o apito de um vapor. Respondeu immediatamente e continuou a apitar, mas cinco minutos depois o *La Bourgogne* com uma velocidade de dezeseite a dezoito milhas, rompeu pela frente do *Cromatysshire*.

O navio de velas, inglez, com quanto fosse muitissimo menor que o outro, enterrou completamente a prôa nos flancos do paquete francez e a grande ancora do *Cromatysshire* resvalando pelos costados do *La Bourgogne* abriu-lhe um rasgo de muitos metros de comprimento. Ferido de morte e obedecendo a sua velocidade o grande transatlantico continuou o seu caminho indo sossobrar meia hora depois. A cerração era tão forte que os dous navios não mais se avistaram apoz o abalroamento, e só uma hora depois é que o Capitão do *Cromatysshire*, que tinha parado o seu navio para concertar as avarias, soube que tinha havido naufrago, pois comecou a avistar naufragos e restos do *La Bourgogne* que boiavam. Ficou então no lugar do sinistro procurando salvar-os e recolhê-los.

A noute foi assignalado um vapor que passava ao longe; o *Cromatysshire* fez signal de socorro e elle aproximou-se. Era o *Grecian* tambem de Glasgow. O seu commandante depois de parlamentar com o Capitão do *Cromatysshire* consentio em recolher-nos a bordo onde havia mais facilidade para o tratamento dos naufragos, e dando reboque ao *Cromatysshire* conduzio-nos todos a Halifax, onde chegamos dous dias depois. De Halifax fomos enviados a New-York por conta da Companhia Francesa e d'essa cidade, novamente embarcados no *La Touraine* fomos conduzidos ao Havre.

O Commandante Deloncle, do infeliz *La Bourgogne* guardou durante toda a catastrophe a mais admiravel coragem e sangue frio; immovel no seu posto ordenava o melhor que lhe era possivel as manobras de salvação e nos ultimos momentos faser apitar sempre, dirigio um ultimo adeus a todos, desaparecendo com o seu navio no immenso turbilhão das vagas em furia. Todos os passageiros de primeira perceram, e muitos d'elles não conseguiram sequer sahir dos camarotes. O doutor Delpuech, saltando da cama immediatamente depois do choque, afogou-se mesmo na porta do seu camarote por uma colossal tromba d'agua que tudo inundou. O povo nos Estados-Unidos revoltou-se contra os marinheiros e officiaes sobreviventes do *La Bourgogne* accusando-os de terem tudo abandonado para a salvação propria. Mesmo em Boston, gritos de morte aos franceses, foram proferidos pela população que quiz atacar o trem que conduzia os naufragos para New-York. Mas o inquerito feito nos Estados-Unidos e em França provou completamente o contrario. Commandante, officiaes e marinheiros cumpriram todos o seu dever, quasi todos perecendo. Os unicos actos de vandalismo e de crueldade foram practicaes pelos marinheiros austriacos e hungaros que acham-se todos presos e vão ser processados.

N'esse mesmo dia da catastrophe e quasi na mesma hora uma grande batalha naval era travada não muito longe do logar do sinistro, por toda a marinha de guerra americana que destruiu a esquadra do almirante Cervera composta de quatro crusadores couraçados e alguns torpedeiros que procuravam forçar o bloqueio de Santiago.

Pois bem, esse grande acto de guerra, no qual todos os elementos de destruição trabalharam sem cessar não conseguiu fazer mais de duzentas a trezentas victimas; enquanto que um simples e casual abalroamento entre um grande transatlantico e um insignificante navio de velas, victimou em menos de uma hora seiscentas pessoas entre as quaes, por inexplicavel fatalidade, só uma mulher conseguiu salvar-se.

Soror

A Mario de Alencar.

Pelo claustro, sonoro e vasto, a freira passa
— Lenta como quem segue os impulsos de um sonho;
Ao rosto juvenil, tão pálido e tristonho,
Ajunta o negro véo misteriosa graça...

Os olhos, negros são — negros, negros de morte,
Como o veio que da fronte, em linhas castas, desce;
Nelles fulge, talvez, o puro ardor da prece,
Que em êxtasis a enleva, imperiosa e forte.

As dobras do burel realçam-lhe a magreza
Ascética; e de longe, o seu porte suave
Faz lembrar a elegancia aligera de uma ave
— Cysne ou garça — vogando á flôr da correnteza...

Pelo claustro sonoro e vasto, o sol espalha
Manchas diâphanas d'ouro; e brinca, e treme agora
Na agua do fundo poço, onde, incessante, a nora
Ringe, imitando o grito estridulo da gralha.

Pouco distante, se ergue o venerando e antigo
Cruzeiro de granito; a trepadeira agreste
O abraça, protectora, e dá-lhe sombra, e o veste,
Solicita e fiel como um carinho amigo...

Estende-se ao redor o largo cemiterio
Monacal; que pobreza! Em rasa e humilde lousa
Ha nomes de mulher, e datas... Só. Nem ousa
Um cyprestê viver alli, no chão funereo.

No poial do cruzeiro, a monja se reclina,
E um livro de piedade, amplo e grosso, folheia;
Os olhos negros, onde a luz da fê se ateia,
Prendem-se avidamente á palavra divina:

« Filha, teu coração, tão fragil, e tão ternio,
Não o deixes vagar das illusões no encalço;
O amor dos homens, filha, é passageiro e falso;
Dá-te ao amor de Deus, único justo e eterno! »

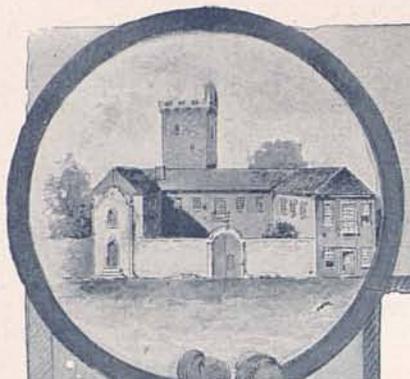
Fecha o livro, e medita, e recorda-se... E, enquanto
Augmenta a pallidez no seu pálido rosto,
Ergue os olhos ao céu, pungentes de desgosto,
— Negros, negros de morte, a encherem-se de pranto...

Recorda-se... Por que joven, bella, deixara
O mundo? por que, enfim, hoje o burel a cobre?
Por que ha de ter alli um túmulo de pobre,
Em vez de um máusoleo altivo de Carrara?...

E — sancta, mas mulher — o seu passado inteiro
Revive... Oh! que tormento, e como a sorte é dura!
E, de si para si, a ineia voz, murmura:
« O amor dos homens, sim, é falso e passageiro... »

MAGALHÃES DE AZEREDO.





a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 21



A o outro dia, recolhendo do Tanque-Velho, do fundo da quinta, onde passara a lenta calma, depois do almoço, na frescura das faias, entre o sussuro de agoas, a folhear o *Diccionario Politico* de Maurice Block — Gon-

çalo encontrou sobre a mesa da livraria, com o correio de Oliveira, uma carta em papel almaço, dobrada á moda de 1830, fechada por uma larga obreia. E dentro a assignatura, desenhada a tinta azul, era um coração chamejante.

N'um relance devorou as linhas, pautadas a lapis, d'uma letra gorda, arredondada com esmero: — « Caro e Ex^{mo} Snr. Ramires. O galante Governador civil do Districto, o nosso atiradiço André Cavalleiro passeiava agora constantemente pelo Largo d'El-Rei e pela rua das Tecedeiras, olhando muito para as janellas e para o honrado brazão dos Barrólos. Como não era natural que andasse a estudar a architettura do Palacete, que nada tem de notavel, concluiu a gente seria e esperta que o digno Chefe do Districto esperava que V. Ex.^a apparecesse a alguma das janellas da frente, ou no mirante do jardim, para reatar com V. Ex.^a a antiga e quebrada amisade. Por isso muito acertadamente procedeu V. Exa. em correr pessoalmente ao Governo Civil, a propôr a reconciliação e a abrir os braços ao velho amigo, evitando assim que a primeira Autoridade do Districto continuasse a esbanjar um tempo precioso n'aquelles passeios, de olhos fitos no Palacete dos dignos Barrólos. Enviamos portanto a V. Ex.^a os nossos sinceros parabens por esse acertado passo que deve calmar a simpacencias do fogaoso Cavalleiro e redondar em beneficio dos serviços publicos! — P. S. — Tambem ao sahir da missa da Sé o galante Cavalleiro parece muito agitado... Seria bom que V. Ex.^a viesse a esta missa. »

Revirando o papel não mãos, Gonçalo pensou: — É das Louzadas!

Ainda estudou miudamente a letra, as expressões, descobrindo que *redundar* fora escripto com um O, e *architectura* sem C. E rasgou furiosamente a folha enorme, rosnando, no silencio da Livraria: — Aquellas bebedas!

Sim, era d'ellas, das odiosas Louzadas! E essa origem mais o aterrava — porque maledicencia lançada por tão ardentes espalhadoras de maledicencias, já certamente penetrara em todas as casas d'Oliveira, mesmo na Cadeia, mesmo no Hospital! E agora a cidade divertida, lambendo o escandalo, relacionava perfidamente os rodeios do André pelo Largo d'El-Rei com essa visita ao Governo Civil em que elle reconquistara a amisade do André! Assim para a malicia das Louzadas, que de certo a sopravam contagiosamente pelas ruas, fôra elle, elle, Gonçalo Mendes Ramires, que arrancara o André á sua Repartição, o conduzira commodamente ao Largo d'El-Rei, e lhe escancarara as portas do Palacete até ahi rondadas e miradas sem esperanza. Com um milheiro de Diabos! na idea pois de Oliveira, e sob a inspiração das Louzadas, elle, com sereno descaro, alcovitava os amores da irmã!

— Oh senhor Deus! gritou por fim, com uma patada no soálho. Só agarrando aquellas desavergonhadas, e dando a cada uma, depois de lhes levantar as saias no meio da Praça, tanto açoite com um chicote, que lhes cahisse ás estilhas a pelle, o osso, e a alma!

E para maior damno as apparencias todas se combinavam contra elle, traidoramente! A insistencia de André, estrondeando a calçada em torno do Palacete, cocando languidamente Gracinha nas escadas da Sé, tomara mais saliencia, desde o meado d'esse verão, quando elle voltara de Lisboa: — e fôra então que a necessidade, um dever santo para com a sua carreira, lhe impozera inevitavelmente essa visita ao Governo Civil, que impressionava Oliveira. Ah! Que inoportunamente morrera aquelle animal do Sanches Lucena! Mezes antes, nunca a sua reconciliação com André seria ligada, nem mesmo pelos enredos das Louzadas, a um círculo amoroso que ainda não começara, ou não andava tão murmurado. Tres ou quatro mezes depois, o André, sem esperanza ante o palacete inacessivel, certamente findaria

os seus giros pelo Largo, de rosa ao peito! Mas não! infelizmente quando o André, com maior estrepito da pileca, rondava a porta almejada — é que elle accode, e abraça o rondador, e lhe facilita a porta. E assim a maledicencia das Louzadas encontrava uma base, a que todos na cidade podiam palpar a substancia e a solidez, e sobre ella se erigia como Verdade Publica! Oh aquellas infames!

Mas agora? Desistir pudicamente da Eleição? Desmanchava a sua carreira, sem destruir o facto indestructivel, o abraço em que apertara André — no momento escabroso em que elle namoriscava Gracinha. E então?... Então só lhe restava manter rigidamente as suas relações com o Cavalleiro dentro da Politica — sem consentir que transbordassem para a intimidade, d'outrora, e que elle se tornasse, como na Torre o conviva desejado do Palacete dos Barrôlos. E poderia?... A sua reconciliação com André trazia, por uma sequencia quasi material, a reconciliação do Barrôlo, seu cunhado, sua sombra... Mas como impôr ao Barrôlo que a sua renovada familiaridade com o Cavalleiro, tão admirado por esse bom Barrôlo, se realisasse unicamente dentro da Politica como dentro d'um Lazareto? — « Eu sou outra vez o velho amigo do André, tu Barrolo tambem, mas nunca o convides para a tua mesa, nem lhe abras a tua porta! » — Não, que diabo! não podia entornar sobre o bom Barrolo esse desconcertado discurso! E depois que grotesca attitude a sua, hirto deante do portão do Palacete, como um Archânjo S. Miguel, de bengala de fogo na mão, para impedir a intrusão de Satanaz, Chefe do Districto! Mas tambem que toda Oliveira largasse a cochichar pelos cantos o nome de Gracinha embrulhado ao nome do André, com o nome d'elle, Gonçalo, emaranhado atravez como o fio favoravel que os atara — era horrivel!

E na impaciencia d'esta difficuldade, de malhas tão asperas que tanto o feriam, terminou por esmurrar a meza, revoltado :

— Irra, que massada! São tudo massadas, n'estas terras pequenas e coscovilheiras...

Em Lisboa quem se importaria que o Governador civil passeasse n'um certo Largo — é que certo Fidalgo da Torre ou da Adega se reconciliasse com o Governador Civil?... Pois acabou! Romperia alegremente para diante, como se vivesse em Lisboa, solto de mexericos e de malignos olhinhos a espreitar. Era Gonçalo Mendes Ramires, da casa de Ramires! Mil annos de nome e de solar! Estava bem acima de Oliveira e de todas as suas Louzadas. E não só pelo nome, louvado Deus, mas pelo espirito... O André era seu amigo, entrava em casa de sua irmã : — e Oliveira que rebentasse!

E, como para se penetrar bem d'esta superioridade « não só do nome mas do espirito »,

desejou logo trabalhar na sua Novella, n'uma impaciencia de acabar, mostrar aquella *Torre de D. Ramires*, que soberbamente espalharia por todo Portugal, muito para alem d'Oliveira, a excellencia do Espirito, a grandeza do Nome. Abancou, mergulhou com ardor a penna no velho tinteiro de latão que servira a trez gerações de Ramires — e, relendo as tiras trabalhadas, nunca o Castello de Santa Ireneia lhe parecerá tão nobre, de tão heroica estatura, sobre uma collina d'Historia, no centro do Reino, que em torno d'elle se alargara, se cobrira de villas e messes, pelo esforço dos seus castellões!

Temerosa, com effeito, se erguia a antiga Honra de Santa Ireneia, n'essa antiga manhã d'Agosto e grande sol, em que o pendão do Bastardo surgira entre fulgidos d'armas para alem dos arvoredos da Ribeira! Já por todas as ameias se apinhavam os besteiros, com as béstas encurvadas. Dos adarves e terreiros subia o fumo do breu, fervendo nas fundas cubas, para despejar sobre os homens de Bayão que tentassem a escalada. O Almocadem corria pelas quadrellas, com as roldas, relembrando as traças da defeza, revisitando os grossos feixes de virotoes e garrunchas. E, nos miradoiros que bojavam da torre albarran, as atalaias com o pescoço esticado ennumeravam os cavalleiros e os peões da hoste que avançava, estarrecendo com os agudos brados algum velho solarengo, ou servos do forno e da abegoaria, apinhados no terreiro, em torno dos beguinos, rente ás cabanas colmadas. No entanto a cavalgada passara a Ribeira, sobre a rude ponte de pau, que um devoto Cruzeiro entestava. E mais cerca ressoaram, no socego da manhã quente, as buzinas do Bastardo, e o seu toque lento e doce á mourisca...

Mas quando Gonçalo, enlevado no trabalho, tentava reproduzir, n'um *tra-la-ra-la-rara*, adoçura arrastada das buzinas distantes, — julgou sentir realmente, do lado da Torre, atravez dos limoeiros, um trinado suave e lento que se acercava. Deteve a penna, espantado — e eis que um dolente canto se ergue da horta, em serenada, para a varanda florida de madresilva :

Ora, quem te vê solitaria...
Torre de Santa Ireneia...

O Videirinha! — Correu alegremente á janella. E logo um chapeo côco se agitou entre os ramos, e um brado partiô, acclamador :

— Viva o deputado por Villa-Clara! Viva o illustre deputado Gonçalo Ramires!

No violão rompera triumphalmente o Hymno da Carta! E o Videirinha, todo alçado sobre a biqueira das botas novas, gaspeadas de verniz, gritava — « Viva a illustre casa de Ramires! — enquanto que por baixo do chapeo côco, sacudido

com delirio, o João Gouveia, sem poupar a garganta, urrava — « Viva o illustre deputado de Villa-Clara!

Magestosamente, Gonçalo, banhado de gosto e riso, estendeu da varandá o braço eloquente :

— Obrigado, meus queridos concidadãos! Obrigado!... A honra que me fazeis, vindo assim, n'esse formoso grupo, o chefe glorioso da Administração, o inspirado Pharmaceutico, o...

Mas então reparou... E o Titó?

— O Titó não veio?... Oh João Gouveia, Você não avisou o Titó?

Repondo sobre a orelha o chapeo côco, o Administrador, que arvorara uma gravata branca de seda, declarou o Titó um « animal » :

— Estava combinado virmos todos trez. Até elle devia trazer uma duzia de foguetes, para estalar aqui com o Hymno... A reunião era ao pé da Ponte... Mas esse animal não appareceu. Em todo o caso está avisado, avisadissimo... E se não vier, é traidor.

— Bem, subam Vocês! gritou Gonçalo. Eu n'um instante estou vestido. E, para aguçar o appetite, proponho uma volta pela quinta, até ao pinhal.

Immediatamente Videirinha, empinando o violão, marchou pela fresca rua da horta, toda orladada d'alfazema — e atraz João Gouveia atirava os passos graves em cadencia, erguendo o guarda-sol como um pendão. Quando Gonçalo entrou no quarto, berrando pelo Bento e por agoa quente, soava gemidamente por baixo da janella, entre o feijoal, o *Fado dos Ramires* — as quadras famosas em que Ruy Ramires, sulcando os mares de Mascate n'uma urca, encontra trez fortes naus inglezas, e, do alto do seu castello de prôa, vestido de gran-vermelha para que as balas o conheçam soberbamente as intima a que se rendam...

Ai! todo alegre e vistoso,
Junto da Signa Real,
Gritando ás naus — « Amainae
Por El-Rei de Portugal!... »

E Gonçalo, abotoando á pressa os suspensorios, retomava o canto glorificador — « Ai todo alegre e vistoso... Junto da Signa Real... » — tão alegre como esse grande, avô Ruy, certo de que com tal linha de antepassados bem podia rir d'Oliveira e das suas Louzadas horrendas.

Mas o trovão lento do Titó retumbou no corredor :

— Então esse deputado de Villa-Clara?... Já está a vestir a farda?

Gonçalo correu á porta do quarto, radiante :

— Entra, Titó! Os deputados já não usam farda, homem! Mas se a tivesse, c'os diabos, ia hoje farda, e chapeo armado, e espadim, para honrar hospedes tão illustres!

O outro entrara lentamente, com as mãos nas algibeiras da rabona de velludo, o bengalão

enorme entalado sob o braço, o vasto chapeo atirado para a nuca, desafogando a face barbuda, toda vermelha de saude e sol :

— Eu, por farda, queria dizer libré... Libré de lacaio...

— Ora essa?

E o outro, mais retumbante :

— Pois o que vaes tu ser, homem, senão um sujeito ás ordens do S. Fulgencio, do *horrendo carêca*? Não lhe trazes o chá, quando elle te mandar : mas, quando elle te mandar votar, votas! Alli, direitinho, ás ordens! « Oh Ramires, vote lá! » E Ramires, zas, vota... É de escudeiro, homem, é de escudeiro de libré...

Gonçalo saccudia os hombros, impaciente :

— Tu és uma creatura das selvas, lacustre, quasi préhistorica... Não entendes nada das realidades sociaes!... Na Sociedade não ha principios absolutos!...

Mas o Titó, enchendo o quarto com o gesto do braço immenso :

— E esse Cavalleiro? Tambem já é rapaz de talento? Tambem já governa bem o Districto?

Então Gonçalo protestou, picado, com uma côr forte na face. E quando negara elle ao André talento ou tacto de governar? Nunca! Só rira, gracejando, da sua pompa, da bigodeira lustrosa... E de resto, o serviço do Paiz exigia que por vezes se alliassem homens que nem tinham os mesmos gostos, nem procuravam os mesmos interesses!

— E emfim o Sr. Antonio Villalobos vem hoje um moralista muito terrivel, um Catão com quem se não pode jantar!... Ora foi sempre o costume dos Philosophos muito rispídos fugir da sala do banquete, onde triumphá o devasso, e protestar comendo na cosinha!

Titó, immediatamente, virou as costas magestosas :

— Onde vaes, ó Titó?

— Para a cosinha!

E, como Gonçalo ria, o Titó, junto da porta, girando como uma torre que gira, encarou o seu amigo :

— Serio, serio, Gonçalo! Eleição, reconciliação, submissão, e tu em Lisboa ás cortezias ao S. Fulgencio, e em Oliveira de braço dado com o André, tudo isso me parece que destoa... Mas, se a Rosa hoje se apurou, não alludamos mais a cousas tristes.

E Gonçalo brajava, de novo protestava, quando o violão ressoou no corredor, com as patadas bem marchados do Gouveia, e o *Fado* recomeçou, mais meigo, mais glorificador :

— Velha casa de Ramires,
Mais velha que Portugal!...

A casa do Cavalleiro em Corinde era uma edificação dos fins do seculo XVIII, sem elegancia e

sêm arte, lisã e vasta, pintada d'amarello, com quatorze janellas: de frente, quazi ao meio da quinta, arrendada è toda em sementeiras. Mas uma avenida, onde frescas moitas de hydranjas ligavam os velhós troncos dos lodanos, conduzia, com alinhada nobresa, ao pateo da frente, ornado por dois tanques de marmore sempre seccos. Por traz, nos jardins, ainda floria, de Abril a Novembro, aquella abundancia esplendida de rosas que os tornara famosos, e, em tempos do avô de André, o Desembargador Martinho, lhes merecera uma visita da Sen^{ra} D. Maria II. E dentro todas as salas se conservavam mobilladas com um conforto grave, e mantidas em excellente acção e ordem pela velha governanta, uma viuva, parenta pobre do Cavalleiro, a Sen^{ra} D. Jesuina Rollim.

Quando Gonçalo, que viera da Torre na egoa, atravessou a antecamara, ainda reconheceu n'um dos paineis da parede, fumarento combate de galiões, o rasgão que elle uma tarde lhe fizera Jogando o espadão com André. Sob esse painel, á borda d'um canapé de palhinha, esperava melancolicamente um amanuense do Governo Civil, côm uma pasta vermelha sobre os joelhos. E do fundo do corredor, André, avisado pelo creado, o seu fiel Matheus (que se deleitara de revêr em Corinde o Senhor D. Gonçalo!) chamou alvorocadamente, d'entre o reposteiro corrido :

— Oh Gonçalo, entra para cá, para o quarto! Sahi do banho... Ainda estou em ceroulas...

E em ceroulas o abraçou, n'um ruidoso, magestosô abraço de parabens. Mas Gonçalo, abafando a curiosidade anciosa, como só cuidadoso da amizade e do amigo :

— Então, Andresinho, optimo, hein?... E a jornada? Vamos a saber!... Que tal, a noite?

— Oh perfeitamente... Eu no sleeping durmo sempre como um justo, que sou... Pois, meu Gonçalo, la combatemos o bom combatte...

Gonçalo porem insistia, n'um desapego superior da Eleição e da Politica :

— Estiveste no Bragança, hein? Muita gente?... E que tal se jaíta agora no Bragança?...

— Bem. Nunca lá jantei... Todos os amigos me nutriram, e eu perçorri muitos amigos. Porque, meu querido Gonçalo, o negocio não se arranjou sem trabalho e sem refregas.

Então todo o interesse do Fidaglo da Torre estuziou, devorador :

— Mas está arranjado? Hein? Dize!... Está arranjado?

O Cavalleiro permaneceu em silencio, deante do espelho, concentrado nas bellas ondas negras do cabello, que acamava: com duas escovas d'ebano. E, só depois de longamente se mirar, assegurou ao pobre Gonçalo, avido, acavallado sobre o espelho — que a eleição ficara garantida... Mas, extraordinario! quando elle appareceu em

Lisboa, no Ministerio do Reino, o Circulo ja pertencia ao Eduardo Pitta, da *Verdade!* Desorte que se encrespera com o José Ernesto, e lhe apontara muito agudamente a inconveniencia de dispôr do Circulo, sem o consultar, a elle, Governador civil, seu amigo intimo, e dono do Circulo... E como o José Ernesto arrebitava a crista, alludia á sua conveniencia superior de Ministro, elle, logo, muito seccamente, á Ingleza, lhe atirara um ultimatum : — « Zezinho amigo, ou trago o Ramires por Villa-Clara, ou me demitto, e arde Troia! »... Espantos, escarceus, berreiros — mas o José Ernesto cedera, e tudo findou jantando ambos em Algez com o tio Reis Gomes, onde á noite, ao « bluff, » as senhoras lhe arrancaram quatorze mil reis.

— Em resumo, Gonçalinho, precisamos conservar os olhos abertos... O José Ernesto é bom rapaz, leal, meu velho amigo. E depois meu tio Reis lá está de dentro, a cocar... Mas ha os compromissos, as pressões... E agora a novidade, pittoresca, divertida. Sabes quem se propõe contra ti, pelos Regeneradores?. . Advinha... O Julio!

— Que Julio? O Julio das photographias?

— O Julio das photographias.

— Diabo!

O Cavalleiro sacudio os hombros, tão superiormente, como se sacudisse o Julio :

— Arranja dez votos em volta da quinta; compra trinta na freguezia da Mortosa; tira o retrato a todos os taverneiros do circulo em mangas de camisa; e continua a ser o Julinho... Não, o que me inquieta ainda è Lisboa... A canalha politica de Lisboa!

Gonçalo torcia o bigode, desconsoladamente :

— Imaginei tudo mais solido, mais inabalavel... Assim com todas essas intrigas e pressões em torno do Circulo, ainda pode surgir trapalhada... Ainda lá não vou!

O Cavalleiro, sempre ao espelho, repuchava o fraque — que experimentara abotoado, depois largamente aberto sobre o collete de piquet côr de azeitona. Por fim, agarrando o lenço que o Matheus lhe apresentava, ensopado em agoa de Lubin, e resumindo toda a combinação :

— Nós estamos plenamente de accordo, bem alliados, não è verdade? Então, meu caro Gonçalo, socega, e almoçemos regaladamente, que eu tenho uma fome bestial. Em estando o caldo na mesa, vem avisar ao jardim, Matheus... O Snr. D. Gonçalo e eu vamos buscar duas bellas rosas para florir as nossas tristezas.

E logo no immensô corredor, pintado d'azul claro, enlaçando o braço de Gonçalo, do seu recuperado Gonçalo :

— Pois aqui estamos de novo em Corinde, meu Gonçalo, como ha cinco annos... Nada mudou, dos seus velhos logares, nem um creado, nem

uma jarra... Agora um d'estes dias, preciso visitar a Torre.

Gonçalo, ingenuamente, murmurou :

— Oh! a Torre está muito mudada... Muito mudada!

E um curto embaraço creou um curto silencio, como se entre elles surgisse a imagem triste da antiga quinta, no tempo dos amores e das esperanças, quando Miss Rhodes, com Gracinha vestida de claro, procuravam violetas, rente aos muros da Mãe d'Agoa. Desceram uma escada de caracol que ambos outrora desciam cavalgando o corrimão. E em baixo, n'uma sala abobadada, rodeada de bancos de madeira com as armas dos Cavalleiros nas espaldas, e uma vasta porta envidraçada sobre o jardim, André parou, ondeou um languido gesto... Ah! a vida não lhe correra deliciosamente desde esses annos mōços...

— Tambem, por isso, venho pouco á quinta... E comprehendes bem, não é que me retenham em Oliveira os affazeres ou os cuidados do Governo. Mas esta casa parece tão solitaria, desde a morte da Mãe!... Ando aqui como perdido. E acredita, quando cá venho, são por ahí um passeios desconsolados pelos jardins, pela Rua Grande... Ainda te lembras da Rua Grande?... Pois são por ahí uns passeios d'umã melancolia... Vivo muito só e vou para velho, meu Gonçalo!

Gonçalo murmurou, por concordancia, sympathia renovada :

— Eu tambem m'aborreço na Torre...

— Mas tens outrô genio!

E como se esforçava, de balde, para correr os fechos perros da porta envidraçada, philosophou alegremente :

— Aqui tens tu!... Tudo se vae enferrujando, portas e dono...

Mas ao penetrar no terraço, com a sua classica grade de pedra, enramada d'hera, Gonçalo admirou o arranjo, a cuidada frescura do jardim :

— Tens istó lindo!... Para Governador Civil tens um jardim delicioso... Jardim d'artista!

— A prima Jesuina gosta de flôres, e agora é ella que governa a casa... Coitada! e com um esmero, com um amor... Se não fosse a santa creatura andavam os porcos a fossar nos canteiros... Meu filho, onde não ha saia, não ha ordem!

Desceram as escadas, por entre os velhos vasos de louça azul, transbordando de geranios, cravinas, canas da India. Gonçalo recordou um trambulhão em que rolara por aquelles degraus, n'uma vespera de S. João, com os braços carregados de molhos de foguetes. E lentamente, atravez do jardim, evocavam memorias da intimidade antiga. Lá se conservava o trapezio, dos tempos em que ambos tinham a religião higienica do banho frio e da gymnastica. N'aquelle banco, sob a magnolia, lera uma tarde André o primeiro

canto do seu poema, o *Fronteiro d'Arzilla*. E o antigo alvo, onde se exerciam á pistolla, para os futuros duellos, inevitaveis na campanha que ambos meditavam contra o velho Sindicato Constitucional? Oh toda essa parte do muro, que pegava com o lavadouro, fora derrubada depois da morte da Mãe, para alargar a estufa...

— De resto o alvo era inutil! accrescentou, rindo, o Cavalleiro. Eu logo por esse tempo entrei tambem no Sindicato... E agora entras tu, pela porta que eu te abro!

Então Gonçalo, que colhera e esmagava entre os dedos, para lhe sorver o perfume, folhas de lucia-lima, accudio com uma franqueza, que aquelle desenterrar de memorias amigas, tornava mais grave, mais sentida.

— E eu desejo entrár, bem sabes. Mas serio, Andrézinho, affianças a eleição?... Não surgirá difficuldade, hein?... Esse Pitta é um habil!

O Cavalleiro, que se debruçara a admirar a flor d'um cacto, apenas murmurou, gracejando :

— Da habilidade dos Pittas se ri a força dos Ramires...

E immediatamente o arrastou para outro lado do jardim, rente ao muro da parreira, aos cerrados e maravilhosos canteiros de rosas que deslumbraram Gonçalo :

— Oh André, que belleza! Todo este roseiral esta mais bello anda do que no tempo de tua mãe!

André cruzara os braços melancolicamente :

— Pois vê tu! Tal é a minha solidão social e sentimental, que, com todos estas rosas aqui desabrochadas, não tenho a quem mandar um ramo! Estou reduzido ás vezes a florir as Louzadas!

— As Louzadas! Ah que desavergonhadas!

André encarou o seu amigo, com uma curiosidade desconfiada :

— Por quê?... Desavergonhadas por quê?

O Fidalgo da Torre atirou um gesto violento :

— Por quê? Por que o são! Pela sua natureza, e pela vontade de Deus. São desavergonhadas como estas rosas são vermelhas.

O Cavalleiro sorriu, logo tranquillizado :

— Ah, bem! genericamente... Com effeito têm immensa peçonha... E lá está no terrasso o Matheus... É o nosso almoço. Pois eu com esta fome comia as Louzadas, mesmo assim, todas ossos e peçonha! Ora eis aqui para o meu Fidalgo esta bella rosa. E para mim este botão innocente.

E, floridos, subiram por outra rua, entre o brilho e o perfume de outras roseiras, para o terrasso, onde o Matheus esperava, com o guardanapo na mão e a calva rebrilhando ao sol. Mas o Cavalleiro parára com uma idea :

— A que horas vaes tu para Oliveira?

O Fidalgo hesitou. Para Oliveira?... Não tencionava ir a Oliveira...

— Por quê? É urgente que vá á Oliveira?

— Pois certamente, filho! Amanhã mesmo precisamos conversar com o Barrolo, combinarmos, por causa dos votos de que elle dispõe na Portella!... Eu repito, meu querido Gonçalo, não podemos adormecer. Não é pelo Julio, é pelo Pitta!

— Bem! bem! accudio logo Gonçalo assustado. Parto para Oliveira.

— Por que então, continuava André, vamos ambos logo, a cavallo. Tu vieste na egoa?... O dia está fresco. É um bonito passeio pelos Freixos. O peor é teres de mandar á Torre, por causa de roupa...

Não! Gonçalo, para evitar a importunidade de malas, conservava sempre em Oliveira, em casa do Barrolo, toda a sorte de roupa, até casaca. E entrava na cidade, como o Philosopho Bias, com uma simples bengala e muita paciencia.

— Bem! Delicioso! declarou André. Fazemos logo a nossa entrada official em Oliveira. É o começo da campanha.

E em quanto o Fidalgo torcia o bigode, nervoso, pensando nos risinhos perversos das Louzadas, de toda a cidade, perante aquella entrada apparatusa — André ordennava ao Matheus que mandasse ter o *Rossilho* e a egoa do Fidalgo, promptos no pateo, ás tres horas.

Mas Gonçalo receava o calor, pela estrada muito desarborizada dos Freixos. Antes partissem ás cinco, pela fresca... E assim esperava penetrar em Oliveira, despercebidamente, esbattido no crepusculo. André protestou:

— Não, é uma secca, chegamos á noite. Precisamos entrar com solemnidade, á hora da musica no Terreiro... Ás trez e meia, hein?

E Gonçalo consentio, vergando os hombros, como arrebatado na Fatalidade:

— Pois sim, ás trez e meia.

Na sala de jantar, estreita e comprida, com desbotados paineis de flôres e fructas sobre um papel vermelho imitando damasco, André occupou uma immensa cadeira de braços, que fora já de seu avô Martinho. Na mesa o brilho das pratas, a graça das rosas n'uma floreira de Saxe, revelavam os esmeros da prima Jesuina, que, com dôr d'entranhas n'essa manhã, não se vestira, almoçava no quarto. Gonçalo louvou aquella elegante ordem, tão rara n'uma casa de solteirão, lamentando a falta de uma prima Jesuina na Torre... E André sorria, contente, desdóbrando lentamente o guardanapo, com a esperanza do que Gonçalo contasse a Gracinha todo o conforto e luxo de Corinde. Depois picando com o garfo uma azeitona:

— Pois é verdade, meu querido Gonçalo, lá estive n'essa grande Capital, depois um dia na « virente Cintra »...

— E então, Cintra?

— Semsabor. Muita poeira; femeação mediocre; (Continúa.)

o Nunes atulhado, com mau serviço e sem gelo. Depois todos aquelles lindos retiros horrivelmente acaixeirados... E, já me esquecia... Sabes quem encontrei em Cintra? O Pinheiro, o nosso Pinheiro, o dos *Annaes*. Esbarrei com elle, á noite, no « peixe frito ». Ergueu, logo os braços ao ceu, desolado: — « E então esse Gonçalo Mendes Ramires não me manda o romance? » Parece que o primeiro numero da *Revista* sae em Dezembro, e elle precisa todo o original em começos d'Outubro... Lá me supplicou que te saccudisse, que te recordasse a gloria dos Ramires. E tu devias acabar a Novella... Até convem que, antes d'entrares na Camara, appareça um trabalho teu, um trabalho serio, d'erudição forte, bem portuguez...

— Pois convem! concordou vivamente Gonçalo. E a novella está quasi prompta, só lhe falta o capitulo quarto. Mas é justamente o que demanda mais preparação, mais pesquisas... Para o acabar precisava o espirito bem socegado, a certeza d'esta infernal eleição... Não é o animal do Julio que me inquieta. Mas essa canalha intrigante de Lisboa... Que te parece?

Cavalleiro sorriu, indecisamente. Depois repicou uma campainha de prata, ao lado do seu talher, para apressar o Matheus que tardava. E estendendo de novo o garfo distrahido para as azeitonas:

— Com effeito encontrei o José Ernesto muito teimoso... Já existiam compromissos antigos com o Pitta. A *Verdade* tem sido furiosamente ministerial... E esse Pitta, naturalmente, quando souber que lhe tapei Villa-Clara, arde em furor contra mim... O que me é indifferente... Algumas piadinhas, n'aquelle estylo fadista do Pitta, não me tiram o appetite... Mas o José Ernesto admira o Pitta, necessita do Pitta, está empenhado em pagar ao Pitta com um circulo... Ainda no ultimo dia me disse na Secretaria, até lhe achei graça: — « Eu vejo que os deputados por Villa-Clara morrem; ora se, por esse bom costume, o teu Ramires morrer breve, então entra o Pitta. »

Gonçalo recuou a cadeira:

— Se eu morrer!... Que animal!

— Oh se morreres para o Circulo! Atalhou o Cavalleiro rindo. Por exemplo se nos zangassemos, se rompessemos relações, se amanhã entre nós surgisse uma dissidencia... Emfim o impossivel!

O Matheus entrava, com a terrina de caldo de gallinha, que rescendia.

— Velha praxe portugueza! exclamou André. Depois de jornada, ao chegar a casa, caldo de gallinha... A elle! E não se falle mais de Circulos, nem de Pittas, nem de Julios, nem da negregada Politica!

A PRETENÇÃO AMERICANA



Paris - Imp. Paul Dupont (Cl.)

O NOVO COLOSSO AMERICANO IMPONDO SILENCIO AS NAÇÕES DO UNIVERSO

Esta serie de desenhos que temos reproduzido é exemplo das Ilustrações dos Estados-Unidos dando uma perfeita ideia do estado de espirito pretencioso e conquistador dos americanos.

MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição de 1900.



ENVIASE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA



38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o

BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da casa Guinard

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A Cerebrine actua maravilhosamente contra o tico doloroso da cara, as neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes, contra o zona (cobreiro), a vertigem estomacal, o lumbago, a extenuação resultante da fadiga, do trabalho á sobreposse ou de um resfriamento e particularmente contra as colicas periodicas das senhoras.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

	liq.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i>	2
GALLEOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE , Aria do bailado n ^o 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et biniou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa.	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO
A MAIS ALTA RECOMPENSA DADA AOS ADUBOS | MEMBRO DO JURY DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sede social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.
— cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.
— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

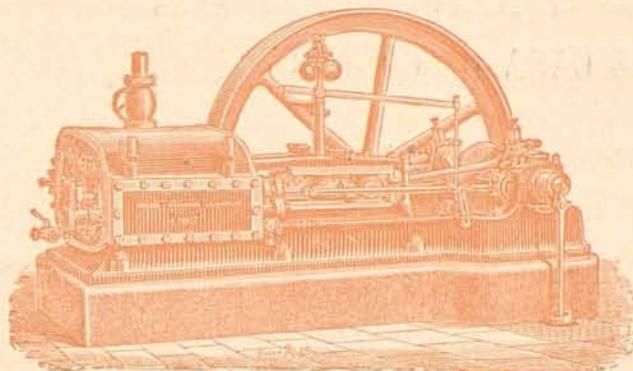
**30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).
15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).**

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000

Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.



FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE
MACHINAS PRIVILEGIADAS :

Secador de café : AUGUSTO RAMOS.

Descascador de café : EUGELBERG SIBILIANO.

Despolpador de café : MECANICA

Separador de arma : AVIGNON.

Catador de café : MANFREDI.

Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI.

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C^o L^d**, **RICHARD HONRSBY et SONS L^d** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n^o 36

SÃO PAULO

CAVALLOS E CARROS DE LUXO

TÉLÉPHONE
N^o 54355

DEMARS

TÉLÉPHONE
N^o 54355

27, Rua Cardinet, 27

PARIS

Recebe-se animaes
em pensão



27, Rua Cardinet, 27

PARIS

Recebe-se animaes
em pensão

EQUIPAGENS DE LUXO PARA PASSEIOS E SOIRÉES

Alugueis de carros particulares por dia e por mez

SERVIÇO E MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM — PREÇOS MODERADOS

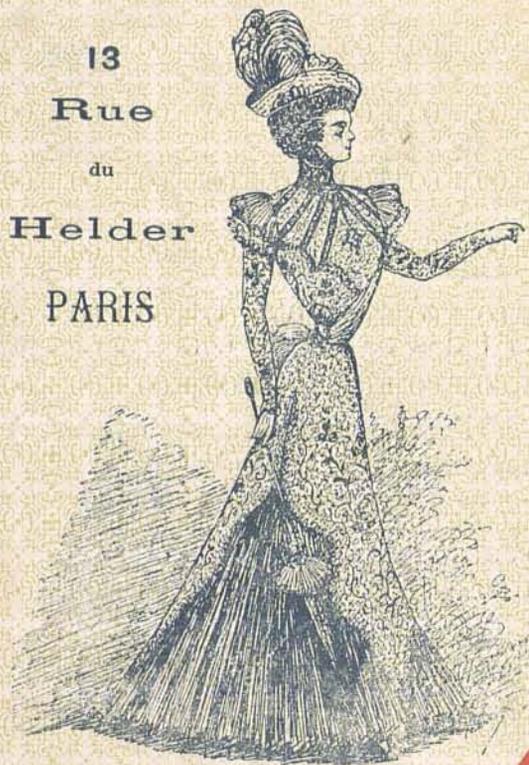
Le Gérant : FERRER.

Vestidos e Enxovaes

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13
Rue
du
Helder
PARIS



Creadora, *breveté*, dos
bellissimos vestidos com
flores pintadas; o maior
sucesso das toilettes no
Grande Prix de 1898

13
Rue
du
Helder
PARIS

VESTIDOS

de lã forrados
de seda para passeios
e visitas por preços
moderados

Pelerines e Collets

simples et luxuosos

Toilettes para Bailes e Recepções

de uma elegancia
completa e acabadas com todo o esmero

Contramestra inexcédível
sahindo de uma das principaes casas da Rue de la Paix.
Bellos salões de exposição e para provar.

MODELOS INEDITOS

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13, Rue du Helder, 13 - PARIS